



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO
HUMANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL E
INSTITUCIONAL

ADRIANO MARTINS ALVES

UM COLETIVO, O TRABALHO E O PÚBLICO: POR DENTRO DO COLETIVO DE
PSICANÁLISE DA PRAÇA DA ALFÂNDEGA

Porto Alegre

2024

ADRIANO MARTINS ALVES

UM COLETIVO, O TRABALHO E O PÚBLICO: POR DENTRO DO COLETIVO DE
PSICANÁLISE DA PRAÇA DA ALFÂNDEGA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social e Institucional.

Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann

Linha de Pesquisa: Redes Sócio-Técnicas, Cognição e Comunicação

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Alves, Adriano Martins
UM COLETIVO, O TRABALHO E O PÚBLICO: POR DENTRO DO
COLETIVO DE PSICANÁLISE DA PRAÇA DA ALFÂNDEGA /
Adriano Martins Alves. -- 2024.
116 f.
Orientador: Amadeu de Oliveira Weinmann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Serviço
Social, Saúde e Comunicação Humana, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. PSICANÁLISE. 2. COLETIVO DE PSICANALISTAS. 3.
TRABALHO. 4. PESQUISA-INTERVENÇÃO. 5. DIÁRIO DE CAMPO.
I. de Oliveira Weinmann, Amadeu, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos trabalhadores, a todos aqueles que cruzam meu caminho diariamente e que tornaram possível a concretização deste texto. Desde as pessoas que estão na portaria, aquelas que mantêm o ambiente universitário limpo, até aquelas que fazem o restaurante universitário funcionar. Não apenas elas, mas também todas as pessoas que, com a força de seus braços, pavimentam não só a universidade, mas também a cidade, dia após dia.

Dedico aos trabalhadores cansados, explorados e cada vez mais precarizados, todos aqueles que ouvi, vi e com quem convivi, e também àqueles que ainda conhecerei. Na esperança de que dias melhores não demorem a chegar e que possamos desfrutar do fruto do nosso trabalho, sem que nossos sonhos sejam demolidos. E, se já o foram, que possamos resgatá-los dos escombros.

Dedico aos trabalhadores que se dedicam a mudar este mundo, mesmo que tal tarefa seja árdua. Desejo que um dia possamos acordar e reivindicar nosso lugar de direito em um mundo que construímos.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos à minha companheira, **Ana Laura Eckhardt de Lima**, pela parceria de vida e pelo apoio na decisão de fazer um mestrado, que eu jamais imaginaria realizar. Agradeço pelo tempo que me permitiu dedicar à escrita e pela construção de um lar junto com nossas filhas pet: Judith, que está longe, e Gal, minha companheira de escrita.

Agradeço aos meus pais, **Maria do Socorro Martins Alves** e **Antônio Anastácio Alves**, e às minhas irmãs, **Renata Martins Alves** e **Flávia Martins Alves**. Muitas vezes, as distâncias são difíceis de suportar, mas é reconfortante saber que existe um lugar seguro no mundo para onde posso sempre voltar.

Agradeço ao meu orientador, **Amadeu de Oliveira Weinmann**, pela didática, pelo apoio e pela segurança transmitida durante a realização deste trabalho. Muito da experiência positiva se deve ao comprometimento de uma pessoa como ele.

Agradeço ao **Grupo de Pesquisa** pela leitura e pelo apoio prestados durante a realização desta pesquisa. Saber que, ao menos, foi divertido ler meu trabalho me enche de felicidade.

Agradeço ao **Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional** pelas discussões que transformaram minha experiência de vida.

Agradeço à **Universidade Federal do Rio Grande do Sul** pelo espaço e pela possibilidade de realizar esta pesquisa. Não posso deixar de ressaltar a importância de uma universidade pública de qualidade, que deve ser sempre defendida.

Agradeço ao **Coletivo de Psicanálise da Praça da Alfândega** pela oportunidade de experimentar, atender e encontrar grandes pessoas que, juntos, estão tentando construir outros mundos.

Em memória de **Celso Acy Bandeira Wonglon Jr.**, um grande amigo que a Universidade Federal do Rio Grande e casa do estudante me proporcionou, e que, infelizmente, não tivemos a oportunidade de mais um encontro. No entanto, sua determinação e

possibilidade de alcançar seu grande sonho de se formar como professor foi e sempre será uma grande inspiração. Ficou feliz em ter tido a possibilidade de estar lá.

RESUMO

Esta dissertação foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de discutir os efeitos de uma pesquisa-intervenção realizada no Coletivo de Psicanálise da Praça da Alfândega de Porto Alegre. A psicanálise, criada por Freud, teve um grande impacto na história da humanidade e em todos os países onde foi introduzida, inclusive no Brasil. Aqui, ela ganhou espaço e aceitação, marcando presença na sociedade e participando de momentos importantes da história, como durante a ditadura militar, evidenciado pelo notável caso de Amílcar Lobo, que auxiliou torturadores nos porões militares. Além disso, muitas vezes a psicanálise se mostrou distante de ser acessível a um grande público. Em resposta às mudanças políticas nacionais de grande importância, e às questões sobre o acesso e a vida nas cidades, inúmeros psicanalistas brasileiros se juntaram em coletivos em várias cidades do país, propondo atendimentos psicanalíticos sem a mediação do dinheiro, utilizando seus próprios corpos sentados em cadeiras de praia ou bancos de praça e a escuta como ferramenta. Em Porto Alegre, não foi diferente, onde um grupo de psicanalistas formou um coletivo com o objetivo de realizar atendimentos na Praça da Alfândega, uma das principais praças da cidade, e desde 2018, realizando atendimentos de forma pública. Partindo do pressuposto de que a origem da psicanálise tenha um caráter burguês e ainda possua traços elitistas, a psicanálise passou por transformações teóricas e práticas ao longo do tempo, permitindo uma maior abertura e inclusão de diferentes experiências e realidades. Como autor desta dissertação, inserido no Coletivo de Psicanálise na Praça de Porto Alegre, por meio de uma pesquisa-intervenção, buscamos responder em que medida a psicanálise é capaz de superar sua origem burguesa. A oportunidade também se presta a elevar temas pertinentes, como a própria história da psicanálise, seu lugar na sociedade e na vida da cidade. Refletir sobre a cidade, seu direito ao uso livre, à circulação de pessoas, à palavra livre e à escuta no espaço público, que está em constante disputa e precisa ser pensado, é de suma importância. Para isso, o autor se inseriu no Coletivo de Porto Alegre através de uma pesquisa-intervenção, confeccionando um diário de campo que serve para evidenciar as impressões sentidas e atravessadas durante o percurso da pesquisa e fomentar as discussões necessárias.

Palavras-chaves: 1. Psicanálise. 2. Coletivo de psicanalistas. 3. Trabalho. 4. Pesquisa-intervenção. 5. Diário de campo.

A COLLECTIVE, WORK, AND THE PUBLIC: INSIDE THE PSYCHOANALYSIS
COLLECTIVE OF PRAÇA DA ALFÂNDEGA

ABSTRACT

This dissertation was developed within the Graduate Program in Social and Institutional Psychology at the Federal University of Rio Grande do Sul, aiming to discuss the effects of an intervention-research conducted with the Psychoanalysis Collective of Praça da Alfândega in Porto Alegre. Psychoanalysis, created by Freud, has profoundly impacted humanity's history and all countries where it was introduced, including Brazil. Here, it gained prominence and acceptance, marking its presence in society and playing a role in significant historical moments, such as during the military dictatorship, as evidenced by the notable case of Amílcar Lobo, who assisted torturers in military dungeons. Additionally, psychoanalysis has often been far from accessible to a broad audience. In response to significant national political changes and questions about access and urban life, numerous Brazilian psychoanalysts have organized into collectives across various cities, offering psychoanalytic care without monetary mediation. They use their own bodies seated on beach chairs or park benches, relying on listening as their tool. Porto Alegre has been no exception, where a group of psychoanalysts formed a collective to provide care at Praça da Alfândega, one of the city's main squares, and since 2018, has been conducting public psychoanalytic sessions. Assuming that psychoanalysis originated with a bourgeois character and still retains elitist traits, it has undergone theoretical and practical transformations over time, enabling greater openness and inclusion of diverse experiences and realities. As the author of this dissertation, embedded in the Psychoanalysis Collective of Praça da Alfândega through an intervention-research, we seek to answer to what extent psychoanalysis can overcome its bourgeois origins. This opportunity also serves to address pertinent themes, such as the history of psychoanalysis itself, its role in society, and its place within urban life. Reflecting on the city—its right to free use, the circulation of people, free speech, and listening in public spaces, which are constantly contested and need to be rethought—is of utmost importance. To this end, the author joined the Porto Alegre Collective through intervention-research, crafting a field diary that captures the impressions experienced and traversed during the research process. This diary fosters the necessary discussions and reflections.

Keywords: 1. Psychoanalysis. 2. Collective of psychoanalysts. 3. Work. 4. Intervention-research. 5. Field diary.

LISTA DE SIGLAS

- FURG** – Universidade Federal do Rio Grande
- IPA** – Associação Psicanalítica Internacional
- KDK** – Kampfbund (Aliança de Combate)
- MBL** – Movimento Brasil Livre
- MPL** – Movimento Passe Livre
- MST** – Trabalhadores Rurais Sem Terra
- SBPRJ** – Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
- SPRJ** – Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro
- SUAS** – Sistema Único de Assistência Social
- SUS** – Sistema Único de Saúde
- UFRGS** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

<i>DEDICATÓRIA</i>	3
<i>AGRADECIMENTOS</i>	4
<i>RESUMO</i>	6
<i>LISTA DE SIGLAS</i>	8
<i>SUMÁRIO</i>	9
<i>INTRODUÇÃO</i>	9
<i>DIÁRIO DE CAMPO PRAÇA</i>	17
<i>ARÁBIA</i>	43
<i>O TRABALHO</i>	44
<i>A PRAÇA</i>	57
<i>O OLHAR, UM COLETIVO E O PÚBLICO</i>	63
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	69
<i>ANEXO I</i>	76

INTRODUÇÃO

Enquanto houver espaço, corpo, tempo e algum modo de dizer não, nós escreveremos, parafraseando o que canta Belchior, pois para que esse texto pudesse ganhar vida foram

necessários muitos, a luta é por aqueles que estão aqui e por aqueles que não estão mais. Mas, principalmente, por aqueles que virão.

Psicanálise foi um termo criado por Freud para nomear um método particular de psicoterapia pautado na exploração do inconsciente com a ajuda da associação livre (Chemama, 1995). O movimento psicanalítico teve como destino se espalhar pelo mundo, como uma peste, com suas mais variadas escolas e interpretações, encontrando destino também em terras brasileiras. Tendo diferentes fins e projetos nas terras latinas, a psicanálise (ou movimento psicanalítico) ainda carrega certo aspecto de elitismo, tanto pelo seu custo de atendimento quanto de formação, o que impede a entrada de um maior número de pessoas.

Na psicanálise, a palavra surge como forma de acesso, por parte do sujeito, a um desconhecido em si mesmo. Assim, a situação analítica é, por excelência, a situação que comunica o desejo e a necessidade de o sujeito ser escutado, em uma fala atravessada pelo inconsciente, na medida em que este é impulsionado pela sexualidade (compreendida *latu sensu*, ou seja, como força desejante). Freud identifica, ao tratar da histeria, o corpo que fala, seja pelos sonhos, lapsos, atos falhos e sintomas. Esse novo ramo do conhecimento e método clínico surgem em uma época em que havia uma variedade de técnicas psicoterápicas, praticadas por médicos, psicólogos e religiosos. Porém, o tratamento para os pacientes, em alguns casos, era distante; não havia a escuta de seu sofrimento por parte de alguns médicos (Nicaretta, 2011). Em sua origem, encontramos uma paciente (Anna O.) que interrompe seu psicoterapeuta (Breuer) e expressa o desejo de ser escutada (Macedo & Falcão, 2005). A psicanálise foi ganhando cada vez mais espaço na sociedade, principalmente com o sucesso no tratamento das neuroses, se espalhando pelo mundo com suas clínicas e sociedades de formação. Alguns desses fatores, somados às inúmeras críticas dirigidas à psicanálise, exigiram grande esforço de Freud para demonstrar sua cientificidade. Nessa perspectiva, o rigor de sua técnica acabou contribuindo para que o acesso à psicanálise fosse restrito, tanto para pacientes quanto para candidatos à formação. Um marco da mudança tanto da técnica psicanalítica quanto da posição da psicanálise em relação às pessoas economicamente desfavorecidas ocorre em uma conferência de 1918, quando Freud fala sobre a necessidade de tratamento para os mais pobres, o que geraria uma expansão da ação da psicanálise, principalmente na Viena Vermelha (governada pela socialdemocracia), até a ascensão nazista e a perseguição dos psicanalistas, que se espalharam pelo mundo. No Brasil, a psicanálise desenvolve uma história institucional complexa, principalmente no período da ditadura militar de 1964, com a posição de suposta neutralidade das sociedades psicanalíticas, em um dos períodos mais assombrosos de nosso

país. Porém, alguns nomes ajudaram a romper essa lógica com a quebra de silêncios e uma posição mais social da psicanálise brasileira.

Nesse sentido, esta pesquisa procura pensar o(s) lugar(es) da psicanálise na sociedade brasileira contemporânea. Mais exatamente, que outros lugares temos ocupado, além do tradicional consultório para atendimento individual de pessoas privilegiadas. Escutar uma sociedade em ebulição é um ato que esconde, em sua simplicidade, uma poderosa forma de resistência, seja essa escuta realizada em clínicas (gratuitas ou com valor social) localizadas nos bairros mais valorizados, ou a céu aberto em uma praça na rua, como realizado por diferentes Coletivos de psicanalistas em inúmeras cidades brasileiras. Diante do mal-estar de um cenário político de sofrimento e incertezas, estes coletivos colocaram seus corpos e a clínica psicanalítica no meio da cidade, para destinatários desconhecidos. A fim de experimentar um lugar inusual de formação analítica e, ao mesmo tempo, analisar as sutilezas desse movimento, eu, como o autor desta dissertação me vinculei ao Coletivo Psicanálise na Praça da Alfândega (Porto Alegre). Nessa perspectiva, este trabalho consiste em uma pesquisa-intervenção, que visa analisar os movimentos de instauração de uma escuta psicanalítica descentrada em relação à sua origem de classe.

O desejo de investigar os Coletivos formados por psicanalistas que ocuparam as ruas e praças brasileiras se dá ainda na graduação, onde, eu e um grupo de estudantes de psicologia, professores e alguns psicólogos, formamos um Coletivo: Coletivo Escuta na Rua, e realizamos atendimentos em um praça da cidade do Rio Grande. Através dessa atuação, tivemos a possibilidade de retribuir a formação e acolhimento recebidos na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Desses atendimentos resultaria um trabalho final de curso, com o nome: *As cidades na cidade: algumas reflexões sobre a escuta psicanalítica em espaço público, a partir da experiência do Coletivo Escuta na Rua* (Alves, 2019), no qual falo sobre as impressões dos encontros que tivemos ao longo de um ano da ação de extensão.

Ao entrar no Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pude expandir o desejo de pesquisar um pouco mais esses Coletivos. A ideia inicial era saber mais sobre todos esses grupos, como, por exemplo, seu início, seus desejos e desafios, ou seja, como se constituíam e o que constitui a base de união entre esses Coletivos. Mas como fazer isso? A princípio, a ideia era realizar uma troca de cartas, algumas entrevistas, conversas com membros, mas isso mudaria. Movimentos esses que mostram como a construção de uma pesquisa acontece e que podem ditar mudanças

de direção ao pesquisar. Principalmente quando foi possível estar inserido no Coletivo de Psicanálise da Praça da Alfândega, convivendo e atuando.

Um dos movimentos iniciais foi realizar uma revisão bibliográfica pertinente ao tema na tentativa de possuir um lastro histórico sobre o assunto e ainda a possibilidade de encontro com a produção, relativamente recente, dos Coletivos de Psicanalistas. Principalmente nos textos-base para os movimentos de Coletivos de Psicanalistas, os quais encontram suas origens no movimento das clínicas públicas promovidas por Freud e seus companheiros no entre guerras na Europa, que seguiriam até que o nazismo ganhasse poder acarretando o fim das iniciativas e o exílio dos psicanalistas – que ganharam o mundo, inclusive o Brasil. A psicanálise no Brasil, país marcado por grande desigualdade social e racial, tem uma trajetória acidentada; muitas vezes, alinhada às políticas conservadoras, como foi o caso de suas instituições durante a ditadura militar de 1964; já outras, produzindo fissuras em blocos de poder. A fim de investigar esta última tendência, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre as experimentações psicanalíticas em outros cenários sociais que não o seu de origem.

Ao me inserir no Coletivo, o primeiro movimento foi a confecção de um diário de campo, com o objetivo de registrar algumas impressões dos acontecimentos que circundavam os atendimentos. Em algum momento, passo a denominá-lo Diário de Praça. A utilização dessa ferramenta foi uma novidade para minha pessoa e trouxe desafios sobre o que registrar; os dilemas do que pode ser escrito. O Diário de Praça não focou apenas nos atendimentos, ainda que comente alguns, mas especialmente nas impressões que me atravessaram, durante o tempo de participação no Coletivo. Esta teve início em 1º de outubro de 2022 e fim no dia 1º de outubro de 2023. A possibilidade de registrar o percurso da pesquisa em um diário de campo permite, *a posteriori*, uma análise da implicação do pesquisador. O texto *Diário de bordo de uma viagem-intervenção*, de Barros e Passos (2009), consiste em uma troca de cartas diárias entre um pesquisador no Brasil e uma pesquisadora do outro lado do oceano, a qual trabalhava na formação de trabalhadores da saúde com a prevenção do HIV, em Moçambique. Seus escritos detalham o imbricamento de suas ações com toda a cultura, o lugar e suas raízes, num processo que chega até a dar um nó no estomago da pesquisadora. Esses registros se completam em sua restituição, através da análise das implicações que carregam também o sujeito pesquisador.

Do ponto de vista metodológico, faz-se pertinente pensar essa pesquisa como sendo uma pesquisa-intervenção. Na construção de um escopo de pesquisa, com suas teorias e métodos, o processo de inserção ao dito campo, ou seja, a praça, foi decisivo e um dos primeiros movimentos efetuados no processo de pesquisa. A pesquisa-intervenção é uma das pistas

apresentadas no livro *Pistas do método da cartografia*, especificamente no texto “A cartografia como método de pesquisa-intervenção”, de Passos e Barros (2009). Nesse texto, os autores postulam a inseparabilidade de pesquisar e intervir, afirmando que toda pesquisa também é intervenção. Ela pressupõe um sentido do trabalho do pesquisador que não é previamente prescrito, nem dotado de uma finalidade. Porém, essa ação tem um direcionamento, coloca em outro sentido o método tradicional de pesquisa, não buscando confirmar hipóteses, mas deixar-se surpreender pelos objetos encontrados no caminho investigativo. Assim, a intervenção se constitui por pistas que orientam o percurso de trabalho do pesquisador, seu objeto e o resultado desse encontro, estando os elementos desses conjuntos no mesmo plano de produção ou coemergência. Essa intervenção se dá no que os autores denominam plano da experiência, essa dança entre sujeito e objeto, teoria e prática.

Os autores procuram discutir como é impossível separar alguns elementos como conhecer e fazer, intervir e pesquisar, considerando que toda pesquisa é uma intervenção. Essa intervenção se faz por meio de uma experiência que combina sujeito com objeto, a teoria e a prática, encontrando-se em um mesmo horizonte designado como plano da experiência. Supor que esses elementos – objeto, sujeito e conhecimento – são efeitos que emergem na confecção de uma pesquisa torna improvável prever a direção da pesquisa, algo do tipo: “eu sei o que é da pesquisa” (*Know what*). A experiência sendo um saber constituído pelo fazer, um saber-fazer para um fazer-saber, caminha entre o “saber na experiência para experiência do saber” (Passos e Barros 2009, p. 18). Ao mencionar Lourau sobre a análise institucional, para pensar a questão do campo, os autores citam quatro definições: intuição, institucionalização, implicação e intervenção; este último delimita o plano possível de experiência. O campo define a possibilidade de intervenção e de análise. A intervenção vincula-se ao espaço-tempo da encomenda inicial, que vai se transformando diante da análise dessa encomenda no decorrer da própria intervenção. Para Passos e Barros (2009) segue com Kurt Lewin, que define o trabalho sobre o campo em que todos estavam inclusos como pesquisa-ação, Lourau mantém o processo de questionamento de práticas de pesquisa e produção de conhecimento. Considerando que o campo de análise é diferente do campo de intervenção, mas que eles não operam de forma separada, tornando-se um sistema de referências teóricas que servem como guia de uma pesquisa-ação que está imbricada em uma questão social concreta. Ao submergir na experiência onde todos estão implicados, a análise não consegue existir no distanciamento. Ela faz a institucionalidade se pensar, pondo em questão ideias como “objetividade, neutralidade, imparcialidade do conhecimento” (Passos & Barros, 2009, p. 19). Para os autores Passos e

Barros (2009), o conhecimento se forma em um campo de implicações que se cruzam, que reavaliam forças, desejos, vontades, crenças entre muitas outras questões. Nesse sentido, a intervenção é usada para trabalhar a análise das implicações coletivas, localizadas e de uma forma concreta, revelando os processos de institucionalização. E a implicação consiste em uma questão das forças inconscientes que se formam no processo institucional, entre valores e desejos. A análise visa descentrar essas construções demonstrando o processo de institucionalização.

A pesquisa-intervenção se daria em um plano e não em um campo, pois é ali que ela se forma, direcionada para encontrar os processos já instituídos. A dinâmica de um devir que desbaliza a noção de campo, onde limites e modos de ser são constantemente modificados, onde oposições são colocadas. Trata-se de superar qualquer opção de neutralidade, pois a pesquisa intervém na realidade, sendo o observador implicado no campo, modificando-o. Por fim, Passos e Barros (2009) trazem Félix Guattari e o conceito de transversalidade, que se dá no limite do lugar clínico, uma comunicação dos intergrupos, onde a análise realiza o serviço de desestabilizar certo composto unificado como o indivíduo e o social, em direção a um coletivo que se encontra hiperconectado. Um exemplo compartilhado dessa operação da transversalização está na clínica, em duas situações. A primeira: o acolhimento inicial de um sujeito, com toda a sua formação e história pessoal, porém não apenas isso; também interessa toda forma de subjetivação que está em constante transformação, algo que transversaliza. O segundo seria a clínica por si, como um caso de transversalização que se realiza em uma zona indefinida na subjetivação entre analista-analisando, quando a clínica interage com outros campos; os coeficiente de transversalização na clínica são investimentos na possibilidade de criar.

Nesse sentido, a noção de transferência ampliada para o coletivo ganha outro sentido, sendo um grupo sujeito que se comunica de outra forma. A operação de transversalidade considera esse plano de comunicação, que se forma em linhas, não apenas verticais e horizontais, mas também transversais. Se apoiando em redes. Que giram a partir de analisadores, acontecimentos potentes que se dão no decorrer da investigação que consiste na participação do pesquisador. A implicação como um processo imprescindível para estar na pesquisa, a condição do pesquisador de não estar isento. Assim, a análise de implicação consistiria em observar e narrar as relações em que o pesquisador se situa. Por isso a recusa a uma noção de neutralidade. Na produção mútua de uma relação, busca-se superar uma verticalidade reprodutora de processos viciados e se afastar de uma horizontalidade pouco útil.

Visa-se a possibilidade de abrir a pesquisa de diferentes modos, rompendo com qualquer noção de homogeneidade, que surge como um impedimento para a vida de um grupo. Na tentativa de confluir diferentes saberes daqueles que constituem o campo de pesquisa, não sobre o outro, mas com o outro, essa ordem desestabilizada pode levar os sujeitos da pesquisa a uma deriva. Nesse sentido, são bem vindos os mal-entendidos capazes de movimentos e transformações, que se passam entre esses sujeitos (Barros & Passos, 2009).

No trabalho de Chassot e Silva (2018) intitulado *A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica: relato de uma pesquisa em associação*, os autores apresentam uma pesquisa realizada em conjunto com as pessoas presentes em uma associação de usuários de serviços de saúde mental. Os autores partem da ideia de que a pesquisa-intervenção não busca mudar comportamentos ou consciências de forma pré-determinada, mas constrói um processo sem ponto de origem diferenciado e cujo fim é impossível descrever de antemão. Eles relatam uma pesquisa-intervenção realizada entre 2013 e 2016, a partir do convite da equipe da Geração POA, equipamento da rede de atenção psicossocial de Porto Alegre. O intuito do trabalho era a construção de uma associação para a defesa dos usuários de serviços de saúde mental que, juntamente com uma pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desenvolveram a pesquisa. A demanda inicial era a de construir um lugar chamado de Associação Construção, sendo um empreendimento de economia solidária, um dispositivo social vinculado a um movimento social. Diferentes lugares e tarefas que acarretavam desafios à viabilidade da associação construída pelos próprios usuários, com a ajuda de técnicos.

Observa-se que as diferenças entre as atividades que cada um tinha que executar se faziam acompanhar por desigualdades no processo de trabalho. Mesmo que a proposta fosse que os denominados usuários pudessem conduzir os trabalhos com o auxílio de técnicos, tal situação não aconteceu e um dos lados acabou tomando conta desse processo – o que ficou claro *a posteriori*, na análise de implicação. Enquanto a pesquisadora assumia demandas e responsabilidades, os usuários se afastavam da problematização. Percebeu-se que a tentativa de constituir uma prática horizontal somava ainda mais questões, pois ficavam evidentes as diferenças e limites de cada um dos envolvidos nessa relação. Questões de classe e educacionais ajudavam a silenciar os usuários. Insistir em um modelo de ação horizontal reforçava as diferenças e verticalizava as relações tendo como referência os técnicos. Com o intuito de implementar mudanças nesse processo, foi proposta uma pesquisa realizada pelos próprios usuários. Um lugar para se falar sobre os exercícios de construção e entendido em relação, a quem seria pesquisado e quem faria a pesquisa. Assim, deu-se início a uma máquina de

perguntas, que no começo foram sobre a associação e logo sobre suas próprias vidas e a relação com a loucura. O processo de “pesquisar com” estava em execução, o que culminou na construção do questionário base da pesquisa, o que se deu de uma forma única, pois as questões que foram feitas pelos usuários talvez os ditos técnicos não pudessem alcançar. Um ponto importantes que se desdobrou desse processo foi uma problematização da palavra usuário. Quando perguntado quem estava satisfeito em ser chamado assim, boa parte diz não gostar dessa denominação. Outra questão é se já haviam pensado em trabalhar como psicólogos ou psiquiatras, o que a maioria respondeu que sim. Questões essas que possivelmente só foram colocadas pela participação dessas pessoas, que dessa forma puderam construir algo com as possibilidades que tinham.

A pesquisa que tenho desenvolvido toma assim o caráter de uma pesquisa- intervenção em razão não apenas da inserção no espaço, ou de uma escolha objetiva por parte do pesquisador, mas pelo trabalho desenvolvido durante a inserção, que pode ser visto a partir do Diário de Praça. Nela, os elementos do campo se somam aos efeitos do tema e a outras questões em relação ao lugar do observador estrangeiro. No caso, o pesquisador, que se insere em um Coletivo de psicanalistas e passa ali a também realizar atendimentos. O que pode gerar inúmeras questões éticas. Como ser reconhecido como um psicanalista, por exemplo, e, a partir disso, poder oferecer esse tipo de escuta a esse público? Não é uma questão simples. Soma-se a isso a importância de conhecer aqueles que estão na praça. Nesse sentido, o encontro com pessoas de outras origens de classe foi fundamental para que a análise de implicação ocorresse. Tudo isso em conjunto com as transformações de trabalho e do grupo, que aconteciam intensamente, situações que transversalizavam sujeitos. Que sujeito era aquele que entrava em um coletivo? Seria apenas um pesquisador? Um membro, com o desejo de poder escutar? E quem sai? Um pesquisador que virou um membro? Um participante de um Coletivo que também era pesquisador? O certo é que não foi possível ser apenas um desses. A pesquisa-intervenção foi a forma como foi possível ser afetado por essa experiência única, que tenho a esperança de poder compartilhar nos capítulos que seguem.

Em um primeiro momento, decidi publicar na íntegra o Diário de Praça, não sem um pouco de desconfiança e, ao ler com certo distanciamento, também não sem algum estranhamento. O texto expressa uma visão atravessada pela subjetividade do pesquisador. O texto que segue está dividido em um primeiro capítulo com o Diário de Praça, que corresponde a um ano de participação no Coletivo da Praça da Alfândega. Na sequência, um capítulo intitulado “As cadeiras”, que se encontra dividido em três partes: 1) O divã, no qual retomo os

primórdios de uma clínica psicanalítica pública; 2) Cadeira do dragão, referência a um método de tortura usado pelos militares durante a ditadura de 1964, onde falo sobre a origem da psicanálise no Brasil e sua atuação durante esse período; 3) Cadeiras de praia, onde apresento algumas histórias dos Coletivos de Psicanalistas pelo Brasil e, principalmente, do Coletivo Psicanálise na Praça da Alfândega. O capítulo final foi denominado: “Arábia”, que também está dividido em três partes: 1) O trabalho, onde se faz uso do filme *Arábia* (2017), de Affonso Uchôa e João Dumans, para apresentar a jornada de um trabalhador chamado Cristiano, por Minas Gerais. Através dessa obra, foi possível discutir a relação de trabalho que se estabelece na praça, em diálogo com a trajetória do pesquisador; 2) A praça, onde discute-se o lugar ocupado pelo Coletivo em Porto Alegre, o território, o espaço e o direito à cidade pela população; 3) O olhar, um coletivo e o público, onde se analisa, a partir do Diário de Praça, o convívio com o Coletivo e com o território (a praça como o palco desse movimento), a fim de pensar o que entendemos por público, nisso que denominamos escuta pública.

DIÁRIO DE CAMPO PRAÇA

*Dia 1 de Outubro
São Paulo, dia primeiro de outubro de 1992, oito horas da manhã.
Aqui estou, mais um dia*

Dia 1 de Outubro de 2022

Retomo minhas anotações, dessa vez no papel e caneta, consultando o papel amassado escrito a lápis, anotações do dia em que fui à praça pela primeira vez. Que inusitado saber que não anotei a data, um erro, desatenção? Logo com algo tão importante! Íntima relação com o tempo em que de fato esse diário vem a ser escrito, uma relação com o tempo, uma gestação das palavras, que param no meio de uma manhã, sentimentos, momentos, enganos, minhas distrações, por qual razão o erro?

E qual seria o dia em que tudo começou? Preciso voltar nas conversas de Whats App, um 'oi', que eu mandei para a pessoa que havia feito o contato e que me levou até a praça. Descubro a razão, a princípio, de não ter tido a necessidade de anotar a data, não tinha como esquecer que dia era esse, era um dia antes do primeiro turno das eleições de grande importância para o país. A cidade estava em euforia, com bandeiras, santinhos e as pessoas vestidas com as cores dos partidos políticos. Saí da praça nesse primeiro dia com uma grande esperança de que as eleições teriam um fim na tarde de domingo, o que não aconteceu.

Mas e a praça? Lembro-me da sensação estranha e incômoda de estar ali, ainda não sei a razão, chego de Uber, gosto de andar, ainda que não seja muito perto da minha casa, todas as vezes que vou à praça vou a pé, assim economizo uma grana e consigo flamar por essa cidade. Desci por opção em outro lugar, não tinha certeza se seria na praça costumeira, a praça da Alfândega, ao descer em umas das ruas, um rapaz, talvez um pouco mais velho do que eu, me pede um pouco de dinheiro para comer, isso vem acontecendo com muita frequência nos meus dias de Porto Alegre, infelizmente tenho que dizer muitos não, foi o que aconteceu, ele agradeceu educadamente, mas foi seu olhar que me tocou profundamente, havia tristeza.

Percorri a muvuca das pessoas, do comércio, da gritaria, desviando dos entregadores de santinhos políticos. Ao escrever tudo isso, percebi que coloquei no lugar errado do caderno, voltando para trás aquilo que ia em frente, será que me sinto ali na Praça? Chego à praça na qual nunca tinha passado antes, não vi ninguém ali do coletivo, sentei na praça e observei esperando os analistas, havia algumas pessoas sentadas, outras dormindo, uma tranquilidade, meio falsa, essa era a impressão, um frescor e certo silêncio, apenas um murmúrio da agitação ali perto, saci timidamente uma câmera e tiro uma ou duas fotos do lindo prédio à frente – ainda não sei seu nome, ao escrever percebo que ainda não conheço a praça.

Fico em contemplação até ver E. Com a ajuda de um senhor, que cuida dos carros carregando várias cadeiras, sentamos e conversamos, outros analistas se juntavam, chegaram algumas pessoas para serem atendidas, um rapaz que disse ser morador de rua e que tinha esquizofrenia queria saber quanto tinha que pagar e que queria um atendimento, um senhor que havia se perdido de seus companheiros de partido e encontrou com o Coletivo de Psicanálise na Praça, uma moça que falou por todos e depois para quase ninguém, quando os analistas foram levantado das cadeiras no meio de sua fala, fiquei um tempo escutando até ser interrompido no tempo de encerrar a ação ao meio dia e meio.

Esse é um pequeno fragmento aberto, memória texto que se move por redes de certeza e incertezas; mesmo que pintado em papel, lhe cabe mudar, se transformar, certeza, alvejando no vazio sem jamais ser preenchido.

Dia 8 de Outubro de 2022

Por algum lugar este diário se abre às palavras, aproveito para contar mais um dia na praça, meu segundo dia, relembro que no domingo anterior foi dia de eleição e que aquele pesadelo teria mais alguns dias, a frustração só não foi maior, pois pude comemorar. A tensão dos colegas não havia deixado de estar presente, aconteceram ali na praça algumas trocas, conversas, o que talvez não seja possível fazer no nosso corrido cotidiano. Aconteceram alguns atendimentos, me lembro de uma inquietação, incômodo não referente a atender.

Atendi um rapaz de trinta anos com um filho, lembrando sobre sua separação, seu processo de casado do sofrimento e desrespeito com sua ex-companheira, principalmente na questão financeira, como deixar de fazer um curso superior por ela, o que o desagradou bastante. Ao contar isso e algumas outras coisas, ele interagiu com a criança que, com sua pouca idade, respondia alegremente aos gracejos do pai, essa distração acontecia em momentos específicos, talvez uma forma de conseguir seguir narrando. Atender no público, ao ar livre, tem pessoas passando, falando, tem vezes que você esquece tudo o que está em volta, esquece que está na rua. Tenho uma preocupação com o fluxo de pessoas que passavam ao lado. Em um momento ele se levanta, pois a criança domina as cadeiras, me levanto e o foco na escuta se vai, passo o olho na praça, navego meu olhar para a frente, nesse momento em uma janela entreaberta sou capturado por um olhar, do museu um lindo quadro, retratando uma mulher com um olhar profundo, volto meu olhar e ouvido para a escuta. Não fui ao museu para saber o que era aquela imagem.

Dia 15 de Outubro de 2022

Não fui à praça, estava muito cansado, acordei com problemas na minha visão, isso teria algo a ver com a mulher do olhar profundo, que me mirava desde o museu? Enxergava uma mancha amarela, que embaçava meu olhar, foi uma semana com esse incômodo, momento que decido não ir, acordando com o corpo dolorido, eu teria que ir a pé até o centro, pois já não tinha dinheiro nem para o ônibus e muito menos para o Uber.

Dia 22 de Outubro de 2022

Esse dia o trabalho foi em outra praça, da Matriz, não houve muitos atendimentos, conversamos sobre a tensão das eleições e seus desenrolar na campanha, faltava uma semana para o dia. Havia esperança ao andar pelas ruas.

Me perdi, tentei ir por um caminho, não conheço essa cidade, cheguei atrasado, ainda no caminho um rapaz me pede um quilo de arroz. Na praça, as pessoas com seus animais, sentadas conversando aproveitavam o dia de sol em paz, o que não faz sentido diante da tensão do dia.

Dia 29 de Outubro de 2022

Ainda na praça, a tensão ainda muito presente agora em toda a cidade. Uma gritaria, bandeiras vermelhas, carreatas com carrões, no corpo adesivos de Lula, no corpo dos analistas esses adesivos, não havia neutralidade, o voto é no Lula. Caminhando pela cidade via tudo isso, havia muita coisa rolando, um ar de medo e empolgação.

Tudo isso era novo depois de uma epidemia, não estava muito claro como isso acontecia, sentia um cansaço enorme, me era pesado estar no sábado pela caminhada, mesmo vendo a vida ao atravessar a Redenção, resolvi tirar uns dias e viajar. Foi aí que eu estive fora uns dias.

Dia 26 de Novembro de 2022

Retomo a Praça, agora na Alfândega, atendo uma mulher que diz ter vindo do lixo e que precisava ajudar seus sobrinhos que sofriam violência, um atendimento bem difícil, em meio ao jardim da praça quente e calma de um dia de sábado, escutar ali depois de tanto tempo, o mundo se acaba, se esquece que é uma praça de uma grande cidade, cheiros e gritos, a vida se desenrola enquanto uma história é compartilhada na minha frente. Seu choro, sua intensidade nas palavras, aquilo preenche os sábado de manhã, nessa aposta esquisita de estar novamente em Coletivo.

O Coletivo promoveu um evento com a proposta de ler cartas enviadas por pessoas sobre a cidade, eu até quis escrever algo, não consegui.

Todos reunidos, ou quase todos, teve uma comoção em relação à demonstração de afetos para a cidade de Porto Alegre, foi esse dia de aproximação de P., que por um contato não muito próximo a convido para participar do Coletivo, pois alguns colegas, por se darem conta de que o coletivo poderia ficar sem membros, resolveram chamar novas pessoas, chamei uma amiga A., ela se aproxima, mas não fica, assim como muitas outras pessoas.

Era esquisito tirar uma foto junto com o Coletivo e pensar estar junto deles, nas reuniões, do pouco que eu tinha espaço para falar vinha o “vocês” do Coletivo, e nunca o “nós”, o que era corrigido, isso ainda permanece, mas na foto do Coletivo ali eu estava.

Em alguns desses dias de sábado na praça, de calor e caminhada, existia um impasse, alguns estavam carregando todas as cadeiras, placas, ou seja, responsável de fazer funcionar os atendimentos, ficava então a questão de que se possível outras pessoas levassem as cadeiras, no final resolvo levar uma cadeira pra casa, simbolicamente significa muito, pensando na possibilidade de sair desse meio que era esquisito, me sinto mais próximo do trabalho, mesmo que ainda exista algo estranho.

Dia 21 de Janeiro de 2023

No dia anterior, os psicanalistas estiveram ao vivo na RBS, no jornal logo cedo falando sobre o coletivo e fazendo o convite para o sábado. No sábado, estaria ali a Band, realizando entrevista e algumas imagens.

Aparece uma pessoa, que diz ter aceitado o convite realizado na tevê no dia anterior, estava ali para falar sobre a sua vida e de toda a violência pela qual havia passado, ela diz sobre a bondade do coletivo de fazer aquilo tudo, o que a comove.

Que corpo é esse que está apto a atender em uma praça? O quanto estamos expostos, penso enquanto atendo e enquanto a câmera nos intimida, essa é a recompensa?

Dia 28 de Janeiro de 2023

Não fui nesse dia para a praça, foi nesse dia que teve uma entrevista para o jornal Zero Hora sobre o coletivo.

Dia 30 de Janeiro de 2023

Temos uma reunião onde surge um grupo de pessoas que pelo visto são cheio da grana, elas ajudam financeiramente coletivos e ONG's e estavam interessadas em fornecer qualquer forma de subsídio para o funcionamento do Coletivo de Psicanálise, o CO. Por que eles vão colocar dinheiro nisso? Seria uma culpa branca?

O que me marcou foi falarem sobre as cadeiras, para o coletivo, seria interessante a troca de cadeiras, algumas estão bem surradinhas, cadeiras que são quase uma marca, uma identidade dessa prática pública, a resposta sem aparentar ser intencionalmente uma soberba me incomodou, para o representante as cadeiras são o mínimo e o Coletivo teria quantas forem preciso, e que eles poderia fazer muito mais. Ao abrir o Google, digito “cadeira de praia”, puta merda, se eu compro uma dessa esse mês não pago a conta da luz, isso está longe da minha realidade.

Ainda não me sinto à vontade para falar, inclusive não queria estar nessa reunião e a galera pelo visto aceitou de boas, ninguém é trouxa de negar dinheiro, penso eu. Porém não é possível pensar um pouco?

A única coisa que foi pensado é que, segundo esse grupo, para que outras coisas sejam adquiridas é necessário que exista um CNPJ, no caso, virar uma empresa, o que seria de um coletivo empresa? Acredito que ninguém ali quer essa responsabilidade.

Dia 04 de Fevereiro de 2023

Muito prazer, meu nome é otário

Vindo de outros tempos, mas sempre no horário

Peixe fora d'água

Borboletas no aquário

Muito prazer, meu nome é otário

Na ponta dos cascos e fora do páreo

Puro sangue

Puxando carroça

Um prazer cada vez mais raro

Aerodinâmica num tanque de guerra

Vaidades que a terra

Um dia há de comer

Ás de Espadas fora do baralho

Grandes negócios, pequeno empresário

Muito prazer
Me chamam de otário
Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Tudo bem, seja o que for
Seja por amor às causas perdidas
Por amor às causas perdidas
Tudo bem, até pode ser
Que os dragões sejam moinhos de vento
Muito prazer, ao seu dispor
Se for por amor às causas perdidas
Por amor às causas perdidas

Dom Quixote, Engenheiros do Hawaii
Paulinho Galvão/ Humberto Gessinger

Dia 11 de Fevereiro de 2023

Retomamos os atendimentos depois desse recesso de acordo com o que é praxe dos psicanalistas da cidade, talvez um pouco mais leves realizamos um grande número de atendimentos seguidos, mal deu conta de conversarmos, o que eu gostei muito, a intensidade dos atendimentos e não ter que empenhar uma certa energia social em algumas conversas com os colegas, é claro que isso não está certo, mas eu acredito que é possível apostar nesse Coletivo.

Dia 04 de Março de 2023

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague
Pelo prazer de chorar e pelo “estamos aí”
Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir
Um crime pra comentar e um samba pra distrair
Deus lhe pague

Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui
O amor mal feito depressa, fazer a barba e partir
Pelo domingo que é lindo, novela, missa e gibi
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair
Deus lhe pague
Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir
Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir
E pelo grito demente que nos ajuda a fugir
Deus lhe pague
Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague
Deus lhe pague

Deus lhe pague, Chico Buarque de Holanda

Dia 11 de Março de 2023

Retomando, não consegui estar em reunião, meu telefone não funciona nem para estar online em reunião, desisti, também por não querer estar ali. Um pouco chateado com essa diferença material.

Dia 18 de Março de 2023

A segunda crise, no meio do envolvimento com todo o processo de estar em coletivo e estudá-lo, tendo que fazer um projeto para qualificar, carregando essa estranheza e um mal-estar, acabei dividindo na Universidade com colegas nas disciplinas e também na hora do almoço no “RU”, com aqueles que conheci durante esse tempo em Porto Alegre e com aqueles que já conhecia desde Rio Grande. Aquilo não sai da cabeça, só pensava nisso, nesse incômodo angustiante.

Percorri uma jornada com essa coisa infamiliar, de algo deslocado, inclusive em análise, de não me sentir totalmente à vontade com esse trabalho e com as pessoas que ali estão, esse sentimento teve que ser elaborado e suscitou muito para ser falado.

A procura de entender este meu lugar, Porto Alegre, Santo Augusto, Rio Grande, Diadema, São Bernardo do Campo.

Filho de peão e de uma dona de casa, trabalhei por sete anos como mecânico de máquinas, isso logo após terminar o ensino médio, trabalhava na cidade de Diadema, saía de São Bernardo, todo santo dia, em um ônibus lotado, um trampo mal remunerado, a cabeça a mil, lia uns livros, *O homem e seus símbolos* apareceu, era zuado porque no final do mês comprava livro com a merreca que eu recebia, até que um momento isso já não fazia sentido algum, rolar a pedra pra cima do morro, aperta parafusos, a pedra cai, soltar parafusos, em uma improbabilidade de conseguir passar em um curso de graduação apostei tudo que eu tinha juntado do que eu recebi da demissão, abdicando de uma vaga em umas das maiores universidades de São Paulo, fui para Rio Grande, cursei psicologia, o destino ainda me levaria para o interior do Rio Grande do Sul, Santo Augusto e, finalmente, Porto Alegre.

Grana curta, corrida sem folga.

Faz pensar a diferença de classe, tem lugares que posso ir, que preciso segurar para não passar do dinheiro contado ralado de segurar, tem lugar que não me sinto à vontade, não sinto vontade com gente rica com cheiro, cara de rico, e nem com quem finge ser assim.

O que acontece ali? Mas existe essa diferença, nenhum me tratou de forma rude, mas é uma coisa distante. Estariam ali por uma culpa, culpa essa branca? Qual é a razão? Ali fui nomeado por um colega como negro e que lugar eu posso chegar?

E o lugar das sociedades ali em cada um de uma forma talvez inconsciente, um lugar que não dá pra dizer que não faça nada de bom, mas tem uma distância enorme, essa é minha crítica, o custo é impossível de ser pago para quem como eu não tem uma herança ou um pai que banque, claro que manter estudando é maravilhoso.

Esse mal-estar se dava por esse lugar de classe que fazia muito mal, essa possibilidade de sair e de não querer sair, só posso entrar de fato no Coletivo na medida em que não me importa ter que sair.

Dia 25 de Março de 2023

Jorge sentou praça

Na cavalaria

E eu estou feliz porque eu também
Sou da sua companhia
Eu estou vestido com as roupas
E as armas de Jorge
Para que meus inimigos tenham pés
E não me alcancem
Para que meus inimigos tenham mãos
E não me toquem
Para que meus inimigos tenham olhos
E não me vejam
E nem mesmo um pensamento eles possam ter
Para me fazerem mal
Armas de fogo
Meu corpo não alcançarão
Facas e espadas se quebrem
Sem o meu corpo tocar
Cordas e correntes arrebentem
Sem o meu corpo amarrar
Pois eu estou vestido com as roupas
E as armas de Jorge
Jorge é de Capadócia
Salve Jorge
Salve Jorge
Jorge é de Capadócia
Salve Jorge
Salve Jorge
Jorge da Capadócia, Racionais MC's
Jorge Ben

Dia 01 de Abril de 2023

Aquele dia a gente foi pra praça, houve alguns atendimentos, foi um pouco penoso, na expectativa de como seria o evento sobre a ditadura militar, com título: isso acontece aqui? Esse

evento era o convite de falar e testemunhar sobre a ditadura, ali na praça, uma parceria entre o coletivo e o Sig intervenções.

Começa com uma roda no meio da praça, estamos no coletivo em um certo estranhamento, existe algo do mal-estar. Não é difícil de reparar nos trajés das pessoas que propõem a atividade, existe uma distância, uma ou outra pessoa de fora acaba parando, sentando, enquanto alguns membros do Coletivo circulavam e convidavam as pessoas para sentar, de qualquer forma o círculo foi se fechando, pouco íntimo, estava ali incomodado.

Porra, não dava pra escutar o que se falava, pouco se escutava, sintomático, sobretudo não se fez nenhum esforço para falar mais alto ou coisa assim, simplesmente não absorvi nada, apenas estranhamento de estar ali, não fazia sentido estar ali. Só vi aquelas senhoras brancas, mexendo suas bocas!

Era nítido que as pessoas que estavam ali não eram da praça, tinha uma marcação, tinha uma coisa diferente. Então a roda se fechou pra algumas pessoas, estava um grupo fechado falando. E isso não conseguia escutar, como não consegui, ficou meio estranho, meio esquisito estar ali.

Uma vendedora de balas ali da praça, nitidamente em situação de miséria, oferece suas balas e todos recusam, será que ninguém poderia comprar uma bala? Isso faria diferença?

Estavam todos no território, porém fica a impressão de que, por mais que o Coletivo esteja perto de completar seus cinco anos de vida, ainda não pertence e não é reconhecido como pertencente à Praça da Alfândega.

Dia 07 de Abril de 2023

Tive que dividir esses momentos com as pessoas que eu encontrava e dividia um pouco da minha revolta. Eu não conseguia entender bem o que estava acontecendo, o que eu decido é ir em uma reunião presencial e que eu iria falar sobre esse mal-estar e sobre como é não se sentir em coletivo.

Depois dessa reunião as coisas mudaram, principalmente em relação a ser escutado. Não significa que não se manteve algo estranho e algo que acontecia ali era o processo de uma série de resistências como de ir nos sábados e também participar das reuniões, tinha algo que não estava muito certo. Então esse mal estar foi se levando, foi se concretizando cada vez mais, dividia com a C., que havia entrado no Coletivo junto a mim, e por causa dela aguentei mais um tempo esse mal-estar, essa diferença de lugares, de pertencer e atender, mas, ao mesmo tempo, não se sentir pertencente ao grupo, e de estar em coletivo.

Eu não consegui dizer o “nós” do coletivo, dizia vocês do coletivo, mesmo sendo corrigido, não conseguia aderir.

No clima de tensão, após uma reunião anterior também muito tensa, na qual um dos membros retorna depois de “sumir” e que tinha como proposta que não poderia estar nas reuniões e que eventualmente iria nos sábados, o que não estaria de acordo com as regras do Coletivo. Pelo que se deu a entender já teria sido decidido que ele estaria fora, porém esse tema foi estendido por mais uma semana, ninguém teve coragem de bancar a sua saída.

Essa reunião aconteceu na casa da autointitulada mãe do coletivo, um clima de tensão deixava o ar pesado, ainda guardava para mim o desejo de falar, apenas esperando o momento correto e com muita angústia. Foi discutido exaustivamente sobre essas regras, R. online argumentava quase se enrolando, do outro lado, os outros se tencionavam, até uma pausa.

Foi nesse momento que aproveitei para falar sobre esse mal-estar que a gente compartilhava, eu e C., que era de não se sentir em coletivo, de não ter se sentido acolhido e de não se sentir parte daquilo, mesmo depois de um baita tempo. C. havia dito que sairia, foi o que falei para aquela turma, que esse era o efeito, a tentativa de abrir para novas pessoas, quase um processo seletivo, em razão de se perceber que não haveria pessoas suficientes, parece não ter dado certo, ninguém que tinha se comprometido a conhecer apareceu, aqueles que de alguma forma entraram foram arrastados em atendimentos e a esse lugar esquisito do dentro e fora.

Não teve um acolhimento, tivemos que correr atrás, parece até que esse Coletivo precisava de corpos para o sacrifício.

Dia 10 de Abril de 2023

O que marca esse processo é a saída da C., ela aparece rapidamente em uma reunião online, diz que precisa dizer algumas coisas e, poucos minutos depois, agradece a todos e diz que precisa sair de vez do Coletivo.

O. comenta um pouco antes dela sair da reunião e do coletivo, se sua saída tinha algo em relação à classe e raça, ela apenas deu adeus e saiu. A questão ficou, alguns resistiram a refletir sobre a que classe pertencem, alguns não aceitaram ser tratados como de uma classe diferente, não aceitaram estar do outro lado apesar do abismo de classe que existe.

A minha fala foi quase a última e foi sobre achar justo dividir esse mal-estar e que, sim, existe uma diferença de classe que precisa ser pensada e sua diferença precisa pensar toda a violência que produz.

Nesse encontro para alguns a única possibilidade é a saída, para uns sem volta, sem ônus, para outros novos, os mesmo círculos ainda estarão disponíveis.

Um sacrifício foi feito, diziam que ela entrou, mas não entrou, não se envolveu, isso mesmo estando há meses no grupo, que tipo de pacto ela não aceitou para estar em coletivo? Eu vou aceitar esse pacto passivamente?

Só sei que foi foda.

Dia 15 de Abril de 2023

Em alguma data do passado fragmentado pelo tempo este diário retoma suas páginas, escrevo, ódio, não acontece como eu gostaria, como eu queria que fosse. Marco sim, talvez, sem engasgo, tem que ser feito esse meio tempo entre as coisas, mas sai mesmo que acumulado, tudo parece ir apesar do caos e de sua designação do caminho, todos os acontecimentos que agora relembro sobre a pesquisa e a praça. E ainda estou assistindo e intervindo... Saí de um emprego no qual eu não via futuro. Estava em uma situação em que eu trabalhava numa loja de mecânica de alta pressão. Meu sonho de ser psicólogo. Despertou a vontade de fazer o curso em Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Passando pela formatura depois da pandemia, então para o mestrado em Psicologia Social e Institucional, pensando o que tinha sido meu TCC. Escutar, na rua, na praça. Foi aqui que me inseri no Coletivo de Psicanálise na Praça em Porto Alegre.

Antes dessa trajetória, não sabia o quanto eu era um negro ou branco o quanto eu era morador de uma periferia e muito menos a classe na qual eu estava inserido, somente penso nisso quando sou um novo profissional. Estou tão distante de qual seria o meu destino, atento a essa estranheza, essa mudança de classe ainda não corresponde em termos financeiros, mas algumas coisas têm mudado.

Dia 22 de Abril de 2023

Agora não pergunto mais pra onde vai a estrada
Agora não espero mais aquela madrugada
Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser faca amolada
O brilho cego de paixão e fé, faca amolada
Deixar a sua luz brilhar e ser muito tranquilo
Deixar o seu amor crescer e ser muito tranquilo

Brilhar, brilhar, acontecer, brilhar, faca amolada
Irmão, irmã, irmã, irmão de fé, faca amolada
Plantar o trigo e refazer o pão de cada dia
(Plantar o trigo e refazer o pão de todo dia)
Beber o vinho e renascer na luz de todo dia
(Beber o vinho e renascer na luz de cada dia)
A fé, a fé, paixão e fé, a fé, faca amolada
O chão, o chão, o sal da terra, o chão, faca amolada
Deixar a sua luz brilhar no pão de todo dia
Deixar o seu amor crescer na luz de cada dia
Vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser muito tranquilo
O brilho cego de paixão e fé, faca amolada

Fé cega, faca amolada, Milton Nascimento, Beto Guedes

Milton Nascimento/ Ronaldo Bastos

Dia 6 de Maio de 2023

Chove em Porto Alegre!

Dia 13 de Maio de 2023

Nesse dia uma paciente relatou que não iria receber a visita da sua filha no dia das mães, disse até sobre pensar em suicídio, revoltada sobre não ser escutada da forma que queria, pois eu não respondi a sua demanda.

Retomando o ar, acompanhado do velho Chico Buarque, penso no meu privilégio de possuir um trabalho muito diferente daquele que já trabalhei, aproveitar e dar valor a isso às vezes é difícil, sair de São Bernardo, cedo, dia após dia, com oito horas de trabalho em pé, fosse sol ou chuva, cansado disso, dou um corte, para que eu pudesse ter condições melhores para minha vida, essas escolhas, claro, através das ações afirmativas, me fizeram terminar a graduação e posso curtir uma tarde menos cansativa.

Penso que é preciso devolver de alguma forma aquilo que seria impossível para mim, ser um psicólogo. Imagina ainda estudar sobre a cidade, sobre a psicanálise e sobre esses coletivos, tudo que parecia tão distante vem se tornando realidade aos poucos.

Dia 15 de Maio de 2023

Estava decidido, alguns integrantes iriam para a visita ao MST, enquanto desfrutamos das novas cadeiras patrocinadas, uma coisa certa é que a parceria com o CO. tinha sido aceita e estava em funcionamento, porém existia uma dúvida, era o que A.F trazia, sempre questionava as decisões do Coletivo e falava sobre o fim do Coletivo, ainda sobre esse mal-estar em funcionamento, certa falta de libido que não estava relacionada com o trabalho em si.

Nessa reunião, A.F, que havia em uma entrevista se autointitulada mãe do coletivo, questiona seus filhos sobre o rumo de sua criação e sobre o algo do fim do desejo, o que de certa forma não fazia sentido, pois o trabalho na praça estava cada vez maior. Eis que O. sobe o tom em revolta a essa posição dela e grita, por estar cansado da situação, acontecendo um bate-boca e um silêncio constrangedor. Ela o acusa de silenciamento e sai do Coletivo.

A mãe estava fora do coletivo.

Dia 20 de Maio de 2023

Em um sábado agora na Matriz em razão da noite dos museus que acontece ali na Alfândega. Era frio, um sol que foi se aquecendo aos poucos, a praça menor, tem um aconchego diferente, estava cheia de turistas e pugs, tinha muita vida por ali.

No coletivo, um quadro novo, com uma nova pintura, tentativa de um novo momento, no pós reunião tão tensa, optaram por uma reunião na casa de uma colega, no mesmo sábado. Não tive energias para ir, além de não querer, uma condição minha me deixou impossibilitado de ir.

Fui para a noite dos museus, foi uma grande experiência, tinha gente pra todo lado, vida música, muita gente que eu conheço, até que subindo a escadaria da Borges um rapaz correndo e tirando fotos fala que uma mulher havia se jogado, em meio àquela multidão de gente, um corpo caído, seu sangue se acumulava em seus pés.

Dia 03 de Junho de 2023

A novidade era o máximo do paradoxo

A novidade veio dar à praia

Na qualidade rara de sereia

Metade o busto

D'uma deusa Maia

Metade um grande

Rabo de baleia...
A novidade era o máximo
Do paradoxo
Estendido na areia
Alguns a desejar
Seus beijos de deusa
Outros a desejar
Seu rabo prá ceia...
Oh! Mundo tão desigual
Tudo é tão desigual
Oh! De um lado esse carnaval
De outro a fome total
E a novidade que seria um sonho
O milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho
Ali naquela praia
Ali na areia...
A novidade era a guerra
Entre o feliz poeta
E o esfomeado
Estraçalhando
Uma sereia bonita
Despedaçando o sonho
Prá cada lado...
Oh! Mundo tão desigual
Tudo é tão desigual
Ô Ô Ô Ô Ô Ô Ô!
Oh! De um lado esse carnaval
De outro a fome total

A novidade, Os Paralamas do Sucesso

Bi ribeiro/ Gilberto Gil/ Herbet Vianna/ João Barone

Dia 15 de Abril de 2023

Em um dia de atendimento aparece um senhor que estava ali na rua, ele conta a sua história, que estava querendo sair da rua, pois poderia acontecer algo grave e ele iria morrer, queria ir para o CAPS. Nisso aparece o outro morador que pediu para uma colega (S.) que mostrasse um vídeo pra ele no YouTube, no qual ele foi filmado, ele ficou emocionado, chorava, entre estar bêbado ou em algum surto psicótico, repetia as palavra, sobre Deus, sobre a sua filha, que está em outro país, e se emocionava.

Então pediu que o filmasse, ele fez uma performance mostrando suas habilidades conquistadas quando era bombeiro, era flexões e gritos ininteligíveis, ao fazer isso ele misturava lágrimas com ranho, que saia do nariz dele. Havia um nível de desespero no que ele falava.

Dizia que ele fez tudo na vida, só não queimou o anel, e que queria ser cremado até que um colega falou no final que ele vai ser queimado.

A colega S. conduzia tudo com eles, fiquei com ela, pois acreditava que era necessário, enquanto os demais colegas saiam, nos abandonaram, um após o outro, principalmente quando os fluidos corporais se espalhavam a redor, fiquei ali, junto com ela, até quando achei necessário fechar aquele atendimento, minha preocupação com a condução de algo muito difícil de terminar, que se repetia, sempre, me preocupei que um surto ou até com um ataque à minha colega.

Esse trabalho do coletivo pode encantar, pode ser algo para se mostrar, porém o que acontece ali acontece de verdade, o manejo é sério, por isso acredito que seja uma armadilha, é um trabalho difícil de ser sustentado, é difícil manter qualquer pose falsa, esse era o bombeiro, o efeito de sua performance ainda não é possível de pensar, porém ele marca muito sua participação no dia calmo de sábado e na história recente do Coletivo.

Dia 22 de Abril de 2023

Uma pessoa me abordou, falava sobre estar desempregado, ao redor as coisas de alguma forma pulsavam, como o seu discurso, infinitas possibilidades de cada uma de suas palavras, a praça pulava, mesmo em um dia nublado.

Após sentar, em meio à confusão da praça e às suas próprias, um morador ali da praça pergunta sobre Porto Alegre, seu lugar, ele fala sobre o álcool que acaba usando para não morrer.

Dia 29 de Abril de 2023

O triste nisso tudo é tudo isso
Quer dizer, tirando nada, só me resta o compromisso
Com os dentes cariados da alegria
Com o desgosto e a agonia da manada dos normais
O triste em tudo isso é isso tudo
A sordidez do conteúdo desses dias maquinais
E as máquinas cavando um poço fundo entre os braços
Eu mesmo e o mundo dos salões coloniais
Colônias de abutres colunáveis
Gaviões bem sociáveis vomitando entre os cristais
E as cristas desses galos de brinquedo
Cuja covardia e medo dão ao sol um tom lilás
Eu vejo um mofo verde no meu fraque
E as moscas mortas no conhaque que eu herdei dos ancestrais
E as hordas de demônios quando eu durmo
Infestando o horror noturno dos meus sonhos infernais
Eu sei que quando acordo eu visto a cara falsa e infame
Como a tara do mais vil dentre os mortais
E morro quando adentro o gabinete
Onde o sócio e o alcaguete não me deixam nunca em paz
O triste em tudo isso é que eu sei disso
Eu vivo disso e além disso
Eu quero sempre mais e mais
O triste em tudo isso é que eu sei disso
Eu vivo disso e além disso
Eu quero sempre mais e mais
Mais e mais

Roda morta (Reflexões de um executivo), Sérgio Sampaio
Sérgio Natureza/Sérgio Sampaio

Dia 03 de Junho de 2023

A praça da Alfândega, não tinha passado por ela nas primeiras vezes que estive em Porto Alegre, carregada de árvores, com museus ao seu redor, rodeada pelos prédios públicos da cidade, logo cedo demora para acordar, em alguns dias tem um enorme movimento. Curioso parar um pouco nessas horas de atendimento e perceber como ela se movimenta, como as pessoas reagem, como usam aqueles bancos, dormindo.

Dia 10 de Junho de 2023

Ao ser estrangeiro uma vez se é sempre, foi aqui de volta à confusão do dia, estranheza de ver tanta gente, tanto carro, andar e se perder pelas ruas. Habitar suas tardes, dirigir em suas ruas.

Aqui é o lugar para se viver com suas contradições, poder ser acolhido aqui.

Dia 17 de Junho de 2023

Uma forte chuva, um ciclone atravessava o estado, junto desembarcou por aqui o “casal Broide”, para uma jornada de supervisão, palestras e participação na disciplina de Clínica Pública da UFRGS. Essa tempestade tirou coisas do lugar. No sábado de tarde cheguei atrasado, esbaforido, e perdido naquele prédio chique de gente muito, muito rica, estava em cada ponta Emília e Jorge Broide, do lado oposto ao meu, digamos a velha guarda da praça, a galera das instituições, nervoso até sou rude com uma colega atravessando sua fala.

A busca de supervisão se dá por todo esse momento de saída e confusões, algumas regras e seus usos. Broide questiona qual seria a tarefa do trabalho no território, o que faz esse coletivo na praça? O assunto novamente retorna para as questões internas do Coletivo, com um colega falando sobre se negar a entrada de certa pessoa, incisivo Jorge pergunta sobre a tarefa no território.

Foi nesse momento que tomei a palavra, contei então o que havia me acontecido durante a noite anterior quando eu saí da palestra. Sai com aquele tempo estranho depois de tanta chuva, caminhando encontro um rapaz na sinaleira, às vezes o vejo ali, pedindo dinheiro, das poucas vezes que o vi ele falava algo, certa vez, ele estava revoltado gritando para os carros dos “bacanudos” que não o ajudavam, naquela noite ele olhou pra mim e falou com muita raiva, muita raiva, muito putro que estava com fome e dentro de um carrão um “bacanudo” comendo e nem ao menos quis abrir a janela pra ouvir ele, de minha parte fiquei sem reação, a única coisa que penso sobre e sempre pensei isso é que eu queria saber o nome dele, sozinho ali não tenho

como fazer essa pergunta, me sinto sem poder fazer nada, é assim que eu vinha vendo o trabalho na praça, estamos juntos e sozinhos ali.

Dia 17 de Junho de 2023

Frio do caralho! A praça da Alfândega faz muito frio, ainda bem que estava preparado, minha melhor roupa de inverno é um casaco batido de anos atrás, isso tudo pra dizer que tinha uma colega ali, em atendimento, com uma vestimenta digna de um passeiozinho na serra, bota, casaco, manta e até uma luvinha, cara isso marca uma puta diferença com aquele lugar, inclusive com as pessoas que em geral são atendidas ali, são uma galera de classe média, vamos dizer assim, em nenhum momento existe essa marcação de classe em relação a eles, talvez com quem faz morada ali, e ela estava ali, a psicanalista que saiu de passeio no campo, realizando atendimentos em uma praça com cadeiras de praia.

Dia 24 de Junho de 2023

A gente estava ali na praça, em pé, conversando. Conversando sobre as questões da praça. Estava um tempo nodoso, fechado. E discutir sobre os efeitos do que havia acontecido anteriormente sobre a supervisão. Eu reparava que muita gente fotografava o quadro. Existe algo de sedução, de... As fotografias do quadro, da aproximação, ou não, de um certo... Eu acredito que seja uma sedução porque... Se fotografa longe, depois tem umas pessoas que se aproximam pra tirar foto novamente, a mesma pessoa. Então a gente estava falando sobre isso até que... Porra! Um cara veio e meteu uma garrafa de água na cara, no olho de um senhor. Se fez uma confusão, uma briga, e essa pessoa estava muito alterada, estava assim muito puta, muito puta, xingando. Ela retoma, retoma ali na confusão e rouba do outro senhor um casaco que estava no ombro dele. E tem-se essa confusão, tem-se xingamento, e eles saem na nossa direção, os senhores, né, e um fala, “isso aqui sempre acontece, isso aqui sempre acontece por aqui?”, e eles saem, e o rapaz que fez aquela confusão, aquela raiva, ele sai xingando: “vai reclamar com quem, vai falar com quem, vai tomar no teu cu, é isso”. Enquanto ele sai, caminha, continua caminhando, eles em lados opostos, claro né, e ele vai e faz carinho no cachorro de uma pessoa que estava sentada, e some, vejo sumindo da situação. Enquanto, no caminho contrário, esse grupo de pessoas, já mais velhas, também desaparecem em direção ao museu.

Dia 26 de Junho de 2023

Nossa interpretação, minha, do M. e do A., é que os tiozão foram racistas com o cara, e ele reagiu dessa forma, agressiva, a garrafada no olhar do racista do Moinhos, claro que era uma conjectura do nosso pensamento, mas não acredito que seja uma coisa tão fora da realidade e da possibilidade de ter acontecido.

Fomos depois para tentar realizar um pós-grupo, acredito que foi um desastre, ainda não sabemos como fazer isso.

Na reunião que foi no consultório apertado de N., em uma complicada reunião, no final ela falou, disse ter se sentido sozinha durante a pós reunião, por ter sido questionado seu pensamento e condução do caso, reclamou do caso de agressão e da interpretação que fizemos, para ela não tinha acontecido aquilo e que parecia um ataque às pessoas do Moinhos que também precisam ser atendidas. A figura de M. foi a única questionada, sua resposta foi exaltada e, de alguma forma, até violenta, o clima ficou extremamente tenso.

Uma defesa de quem não precisa ser defendido, que consciência de classe é essa saber que você não é do Moinhos, mas desejar ser, não querer que eles sejam agredidos, o outro lado não merece de vez em quando acertar o olho de um racista? Ou um Moinhos não poderia ser racista?

Dia 01 de Julho de 2023

Foi conversado por cima que precisávamos de um pré-grupo, como foi orientado pelo casal Broide, uma pequena conversa antes de iniciar o trabalho para que ninguém inicie sozinho e para que todos saibam a condição de cada um, para isso era necessário chegar um pouco mais cedo ali na praça, ainda não havia sido dito nada em reunião que horas seria isso e como seria.

Ficou subentendido que estaríamos mais cedo na praça, meia hora antes no grupo de Whast App M. avisa que chegou, por algumas situações eu chego faltando dez minutos para o horário inicial, ele visivelmente incomodado, batendo os pés, logo chegava a colega E., ele dispara que iria embora, pois estava se sentindo desrespeitado com o nosso atraso, pega sua cadeirinha e vai embora.

Dia 3 de Julho de 2023

Tivemos na reunião a presença das meninas integrantes da praça Roosevelt, elas falaram um pouco sobre como funcionava o coletivo lá em São Paulo e como tem sido o território pós pandemia. Foi muito positivo perceber situações muitos similares ao que vem acontecendo com o Coletivo de Porto Alegre.

Dia 08 de Julho de 2023

Um **ciclone** (ou *depressão atmosférica* ou *centro de baixas pressões*) é uma região em que o ar relativamente quente se eleva e favorece a formação de nuvens e precipitação. Por isso, tempo chuvoso e nublado, chuva e vento forte estão normalmente associados a centros de baixas pressões. A instabilidade do ar produz um grande desenvolvimento vertical de nuvens cumuliformes associadas a cargas de água.

“São regiões de baixa pressão atmosférica em torno das quais o vento sopra no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio no hemisfério norte e sopra no sentido do movimento dos ponteiros do relógio no hemisfério sul, porque a pressão atmosférica é mínima no seu centro e aumenta à medida que a distância ao centro aumenta”, descreve o IPMA, serviço meteorológico de Portugal.

Os ciclones são indicados nos mapas meteorológicos pela letra “B” e são locais onde a pressão atmosférica é a mais baixa na sua vizinhança e em volta dos quais existe um padrão organizado de circulação de ar. À medida que, pela ação do diferencial de pressões, o ar flui dos centros de altas pressões para um centro de baixas pressões é defletido pela força de Coriolis de tal modo que os ventos circulam em espiral, isto é, no sentido anti-horário no Hemisfério Norte e no sentido horário no Hemisfério Sul. Na meteorologia, os movimentos de ar resultantes de um centro de altas pressões são denominados anticiclones. O sentido de giro de um ciclone e de um anticiclone é o contrário para um mesmo hemisfério, sendo este determinado pela aceleração de Coriolis.

Como exemplo de ciclones podemos citar os sistemas frontais, os tornados e os furacões. Como na Índia e na Austrália os furacões são chamados ciclones (e, na Ásia, tufões), a mídia confunde constantemente o termo ciclone com furacão. A meteorologia diferencia o ciclone extratropical do furacão. Um furacão tem núcleo quente e se forma sobre águas quentes, em geral acima de 26 graus celsius. Um ciclone extratropical em geral é um fenômeno de latitudes médias e altas que se propaga até latitudes tropicais, associado comumente a frentes frias e ondas baroclínicas em altos níveis da troposfera. Os ciclones são fáceis de reconhecer num mapa de observações à superfície pelos ventos que tendem a fluir para ele com uma rotação “em espiral” e nas imagens de satélite pela configuração em forma de vírgula de bandas de nuvens.

No Hemisfério norte, um ciclone em desenvolvimento é tipicamente acompanhado (a leste do centro de baixas pressões) por uma frente quente atrás da qual ventos do sul transportam

para o norte o ar quente e úmido de uma massa de ar quente, contribuindo para o desenvolvimento de precipitação. Atrás do centro de baixas pressões (a Oeste dele), ventos do norte transportam ar mais frio e seco para o sul, com uma frente fria marcando o bordo da frente dessa massa de ar mais fria e seca. No Hemisfério sul, como o sentido ciclônico se inverte, observa-se tipicamente a situação simétrica desta.

Dia 15 de Julho de 2023

Após uma semana sem praça, se pensou que a chuva iria castigar a cidade. A praça de sol, cheia de vida, muito movimento, um rapaz que flanava por ali sentou e perguntou sobre o que estávamos falando sobre o que fazemos, ficava assim, levantava e voltava, perguntava sobre a psicanálise e convidava as pessoas para sentar. Iria acontecer uma festa junina para as pessoas em situação de rua da cidade, sabendo disso estavam ali várias pessoas, esperando a festa, alguns pararam ali, conversaram sobre suas vidas.

Aparece também por ali o prefeito da praça, um senhor que foi eleito para cuidar da praça, falou com as meninas sobre os projetos, das árvores, convidou o coletivo para fazer parte desse movimento junto à praça.

Naquele momento havia um monte de gente de jaleco branco circulando no meio dos turistas, dando comida aos moradores, lanche, café, caçando eles que nem Pokémon, de fato inusitado.

Dia 05 de Agosto de 2023

Com as saídas de tantos membros nos encontrávamos com o número mínimo para iniciar as atividades, estava eu e A., esperamos por mais meia hora por L., precisamos de mais pessoas. L. deu uma entrevista sobre o coletivo para um estudante da UFRGS, um dia bonito e pouco frio.

Na reunião foi que de fato aquelas que iriam sair fizeram suas despedidas, N. e S., nessa toada E. avisava que não fazia sentido estar na praça, por isso se afastaria, que não estaria mais no território da Alfândega. Diante do momento cheguei à conclusão que não seria possível seguir por mais tempo no trabalho da praça e da escrita.

O. fala que era o fim, que teríamos de fazer algo simbólico para esse fim, discordamos sobre isso, estamos longe do fim. Um clima de luto que não faz sentido para quem tem a libido de continuar, pelo menos para mim, tenho que me esforçar para respeitar, qual a razão de ser tão difícil sair desse Coletivo, assumir que não existe mais desejo?

Dia 12 de Agosto de 2023

Sábado, foi o seguinte, a gente estava ali, nos encontramos no horário, a gente conversou, teve um pré-grupo, conversamos sobre como estava, um dia cinza, bem frio, muito frio. E ali a gente deu início, teve alguns atendimentos, rolaram alguns atendimentos, algumas conversas que aconteceram.

Eu resolvi convidá-los pra estar na minha casa exatamente nesse momento. A ideia de que também quero investir na continuação do Coletivo e essa é uma das formas de investir seria trazendo eles aqui pra minha casa, exatamente no momento em que a minha casa pode ser minha de verdade. No qual eu posso comprá-la.

A gente se sentiu muito mais leve, na minha opinião, saiu muito mais positivo, mesmo com a ideia de que se possa separar o grupo do MST do Coletivo da Praça da Alfândega. Um dos membros, o O., chegou com essa questão de que queria deixar morrer, deixar que as coisas morram e a gente não concordar, não está morrendo.

Ele falou sobre deixar, fazer algo simbólico, um churrasco pra comemorar, para dizer que acabou e tal. A gente discorda, eu acho que ainda tem muita coisa e podemos lutar. É a coisa que a gente pensou sobre, somos os mais novos e com mais energia.

Sobre a reunião em minha casa, chegaram aos poucos, estabeleceu-se uma tensão muito grande. Isso porque o M. voltava naquele dia e ele já tinha falado de forma tensa, estava pensando até que ele ia ser expulso. Então, se tinha uma tensão e se deu exatamente um pouco antes de iniciar, que a gente ficou em silêncio, cada um sentadinho no seu lugar, Realmente estava assim, mas felizmente a gente iniciou a conversa que rolou muito bem, a gente discutiu sobre os lugares, sobre todas as posições no Coletivo. O clima de luto e tristeza dessa reunião e da outra era incapacitante para que o Coletivo seguisse.

M. reclama do uso do coletivo para gozar, eu acredito que não exista problema nenhum em gozar um pouco desse lugar.

Dia 19 de Agosto de 2023

Carrego comigo a placa e as cadeiras, me sinto bem em estar ali, abro mão da placa para que ela possa ser modificada, um novo horário, deixava ela ali, encostada na parede da minha sala.

Dia 26 de Agosto de 2023

Algumas pessoas manifestaram interesse em compor o coletivo, para isso foi marcado uma reunião, o local foi a casa do M., que vem tomando a frente, até de alguma forma mais enfática. Puta merda, que puta prédio, lindo mesmo, coisa de quem tem muita grana, não sabia nem entrar na porta, fiquei uns minutos com o porteiro falando, que era o outro portão. No salão de festa uma coisa chique que só, foi uma pompa pique de seleção de empresa grande, de se estranhar, é uma forma de poder acolher? É essa a energia e a casa é do M., ele que está tocando esse momento do Coletivo, o que fica para mim é o que será que se passa na cabeça das meninas nesse primeiro encontro?

Dia 02 de Setembro de 2023

As aproximações foram acontecendo, as primeiras duas meninas fizeram suas escutas na praça, enquanto o clima estranho ainda estava no ar, um esvaziamento, sentimento arrastado de luto, que de certa forma é muito cansativo, algumas pessoas querem fazer funcionar, outras ainda se perdem em seus desejos.

Na reunião, a colega P. pede a palavra e fala de seu desligamento do coletivo e da posição de denúncia de se sentir silenciada com certo machismo por parte do O., por isso a sua saída, ainda um mal-estar em relação ao acesso ao Instagram, no caso em razão do M., que havia trocado a senha da conta sem consultar ninguém.

Para sua justificativa, M. diz ter tomado essa iniciativa por não ver sentido que uma pessoa que está de saída fique com essa conta, é que todo esse processo é desgastante, essa resposta é dada de uma forma rude.

Dia 16 de Setembro de 2023

Foram quatro meninas acolhidas, que foram aos poucos se aproximando, umas delas trouxeram suspeitas em relação à sua formação e mesmo a forma como ela fala sobre o trabalho e a sua psicanálise, havia certo ruído nessa comunicação, pensou-se até na possibilidade de que ela pudesse ser formada pelo Coletivo na forma de estágio, que pudesse orientar ela, estar mais próxima dessa lógica do território. Por mais que tenhamos o diálogo com diferentes visões da psicanálise, ainda existe certa linha de conversa, a psicanálise corre esse risco de que uma formação qualquer possa dar direito a qualquer um e de qualquer forma poder atender. Nesse dia, a P. e a N. foram para se despedir, estava um clima muito ruim como a própria P. disse – um clima de bosta.

No meio disso tudo tinha a praça, tinha o sol forte e tinha também, por ali, novamente, o bombeiro, dessa vez um pouco mais organizado, ainda causando um impacto pela volta, ele ia e vinha, falava sobre a sua história e fazia furo na ideia pacífica de que psicanalistas de classe média podem atender na praça pessoas que estão no abismo de classe que é morar na rua, estar na situação de rua, da outra vez de forma mais intensa foi ele que causou mal-estar, gerando movimentos, a armadilha de estar ali, pode ser que pareça encantador realizar esses atendimentos, mas a realidade aparece, ouvi algumas vezes que esse era o objetivo do Coletivo, atender as pessoas em situação de rua, algo fetichista, uma culpa branca, talvez.

Ele causa desconforto, principalmente, a sombra da minha percepção, a menina que citei, ela movimentava sua cadeira e trazia em sua face esse desconforto, poucos dias ela anunciaria que não faria mais parte do Coletivo.

O. havia conseguido novas cadeiras, com a separação dos coletivos, agora era o Coletivo Psicanálise de Porto Alegre e o coletivo Itinerâncias, as cadeiras estavam em falta, viriam novinhas, da turma do Co., ao terminar, aconteceu uma inusitada e infantil dança das cadeiras, O. e P. entraram em conflito sobre quais seriam as cadeiras que seriam levadas, ambos acirrados sobre qual cadeira era de quem, até que elas tiveram que ficar com o M. e comigo, eu que não podia guardá-las abri elas perto do carro e aproveitei algumas horas ali, a pacificidade do céu azul do centro de Porto Alegre.

Dia 1 de Outubro de 2023

Um dia calmo na Praça da Alfândega, completo meu primeiro ano no coletivo, foram muitas mudanças.

Não chego muito bem, quando aceito um chimarrão, aquilo pega minha gastrite em cheio, muita dor. Um dos pacientes, que tem uma questão forte de obsessividade e que chega sempre no fim, fica na volta, como todos estavam ocupados pedi que esperasse, esperou até se juntar a mim perto da placa e conversar em pé mesmo, até que um colega chegou e o convidei para sentar mesmo faltando pouco tempo, ele começou a falar, falar e sempre quando parece que vai dizer algo a mais ele dá uma volta e fala mais, ou menos, nisso estava com dor, dor, não consegui aguentar e cortei.

Foram poucos minutos, outro rapaz apareceu, perguntou se aquilo era de verdade – o quê? A placa, o que dizia a placa e se não iriam cobrar 300 reais pela escuta. Perguntei para ele se queria ser escutado. “Sim! Se possível pelo grupo”. Falou, então, sobre o que ele havia planejado, iria beber, a única coisa que poderia preencher o vazio que ele sentia, só que isso

poderia colocar ele de volta na rua onde ele morou por alguns anos, saindo apenas para estudar na UFRGS, sua angústia era que ele havia se formado em Sociologia, tinha uma semana, ele não sabia o que fazer, falava que não tinha mudado nada, pergunto se ele tinha certeza, do nada ele levanta da cadeira, fala que já tinha conseguido o que queria e agradecia, pois havia dez ouvidos, ele não iria mais tomar cerveja e sim café.

Dia 1 de Outubro de 2023

Finalizo aqui esta escrita, ao reler percebo com desânimo que talvez não consigo expressar devidamente aquilo que se passou, porém, já estendi em muito o meu prazo, deixarei seguir, quem sabe possa retomar as páginas desse diário com mais vigor e com menor sensação de estar preso.

ARÁBIA

Quando o apito da fábrica de tecidos

Vem ferir os meus ouvidos

Eu me lembro de você

Mas você anda

*Sem dúvida bem zangada
E está interessada
Em fingir que não me vê
Você que atende ao apito de uma chaminé de barro
Por que não atende ao grito
Tão aflito
Da buzina do meu carro
Você no inverno
Sem meias vai pro trabalho
Não faz fé com agasalho
Nem no frio você crê
Mas você é mesmo artigo que não se imita
Quando a fábrica apita
Faz reclame de você
Nos meus olhos você lê
Que eu sofro cruelmente
Com ciúmes do gerente
Impertinente
Que dá ordens a você
Sou do sereno, poeta muito soturno
Vou virar guarda-noturno
E você sabe por quê
Mas você não sabe
Que enquanto você faz pano
Faço junto do piano
Estes versos pra você
Três apitos
Noel Rosa*

O TRABALHO

Agora é necessário falar sobre aquilo que foi o trabalho realizado no ano de 2022/2023, com a minha participação no Coletivo de Psicanálise da Praça da Alfândega, em Porto Alegre, em que não só realizei atendimentos, mas também pude construir um diário de campo, ou melhor, um diário de praça. Enfim, é a partir dele que passo agora a refletir sobre o que foi gerado nessas linhas, que construções de afetos aconteceram e quais foram suas consequências,

atravessando a minha história, de um sujeito que pesquisou e trabalhou nesse Coletivo. Para dar forma e criar laços a partir daquilo que surge da leitura do diário, sendo um ponto crucial para o trabalho, procuro fazer uso da arte para assim encadear com todos os assuntos que emergem desse material. Para isso, a escolha foi a de um filme.

Arábia, um drama nacional lançado em 2017, dirigido por Affonso Uchôa e João Dumans, tem como inspiração a história homônima de James Joyce, na qual um jovem personagem relata a sua trajetória de amor. O filme inicia ao som de uma melancólica música e, em uma sequência sem cortes, um dos personagens, André, jovem de cabelos grandes e vestindo uma jaqueta, pedala em uma região de montanhas, com o vento batendo em seu rosto, em uma estrada livre, dando um tom de liberdade. O corte da cena nos leva para a visão da fábrica de fundição, numa visão fantasmagórica. Na noite, envolta de fumaça, suas luzes amarelas e o som seco de sua engrenagem rompem o silêncio da madrugada, num barulho que nunca para. Enquanto isso, no meio da noite, André prepara um chá para seu irmão que está doente, revelando estarem sozinhos. Pela manhã, o barulho da fábrica invade o quarto de André, que abre a janela, passa o dedo no pó que se acumula e olha para a fábrica, agora cinza e barulhenta, que invade a sua casa.

Agora, o cuidado aparece na figura da tia de André, que é enfermeira e atende às pessoas da região. Ela dá carona para o protagonista, Cristiano, que trabalha na fábrica e se mostra uma pessoa de poucas palavras, um homem comum. Mais uma vez ocorre o corte para a fábrica, que solta fumaça no momento em que André também expele a fumaça de seu cigarro, enquanto olha para a monstruosa fábrica. Logo depois é a cena de cuidado com o seu irmão, que estava doente. Ele responde à pergunta de André se acreditava em Deus dizendo que acreditaria mais no Diabo, pois “o mundo só tem matação, tiro, morte, não tem milagre”. E, no fundo da cena, apenas o bater seco e incessante do trabalho fabril. A fábrica, tão presente e tão barulhenta, ganha o desenho de André, que é interrompido pelo barulho de uma sirene, no momento em que a fumaça cinza, que sai das chaminés da fábrica, ganha o céu.

Observado pela roda de companheiros de trabalho, em uma maca está Cristiano, que é levado ao hospital. André tem a missão de ir atrás de roupas e pertences para ele. Na casa, na procura dos pertences, acaba cortando seu dedo e, ao buscar algo para limpar seu dedo, encontra um jornal com algumas manchetes que não lhe são interessantes. Porém, como um pacto de sangue, com um passado que diz muito de seu futuro, faz com que consiga achar um caderno de memórias de Cristiano. É nesse momento que sabemos quem é Cristiano, um “zé ninguém”, sem família, sem amigos e sem história.

Agora, não somente a fábrica e seus sons dominam a cabeça de André e o fazem levantar da cama, mas também a necessidade de ir para a casa de Cristiano, que ainda tem lá os seus objetos de trabalho. O rapaz pega o caderno e é por ele e por sua visão que veremos a vida de Cristiano.

Neste momento, a voz de Cristiano surge, contando um fato importante no qual, junto de seu amigo Luizinho, os dois acabaram presos. É nesse lugar, a prisão, onde se duvida que Deus esteja olhando, que ele conhece uma pessoa muito importante, Cascão. Na primeira indecisão sobre a sua história, em relação ao convite de contá-la feito pelo teatro da fábrica, movimenta nele a lembrança e vontade de narrar o seu encontro com Ana e suas andanças por Minas Gerais, que é tão grande que parece um país próprio.

Seu primeiro destino é uma roça de mexericas em Piracicaba, encontrando com Zé Barreto. De forma melancólica, fala sobre a volta à terra onde nasceu e algo de estranho que ele sente. Zé Barreto era visto por uns com maus olhos por ser um agitador, com a sua morte se revela que ele ajudou a mudar as condições de trabalho no lugar, sendo que rodou pelo Brasil, inclusive participando das greves em São Bernardo do Campo/SP.

Em um momento posterior, na porta de um quarto improvisado, seu primo, Renan, questiona Cristiano:

Renan - Não liga de dormir aí?

Cristiano - Dormir pra mim é de menos.

Renan - Nunca gostou de dormir?

Cristiano - Nunca gostei.

Renan - É bom descansar... Quando tem uma cama a gente tem que aproveitar.

Cristiano - Já dormi jogado de tudo quanto é jeito... no chão, no sofá, cadeira, papelão com cobertor.

Renan - Sobre as tábuas de maderite, chão de cimento, foi onde eu dormi pior.

Cristiano - Já dormi sobre uma cadeira de sacolão, cama de pedra. Na cadeia dormi até em pé.

Renan - Dormir no gelado é a pior coisa, tem que forrar se não dá doença... é uma miséria.

O trabalho, que é muito para o pouco que é colhido, tem na arte um escape dessa rotina e da voz de Cristiano sai a música dos Racionais *O homem na estrada*. A conversa sobre Barreto de que “cachorro pequenininho não pode enfrentar *dogão* grande, não. Mas se junta mil cachorrinhos é o *dogão* que fica pequeno”, ficaria em sua cabeça e daria força para questionar

o seu não pagamento. Em uma cena ampla, em um galpão, patrão e empregado conversam de forma teatral, banhados por uma meia luz. Na porta, é possível ver as árvores de mexericas. É dessa forma que ele descobre a sua condição frágil e sem direitos trabalhistas, ao aceitar fazer o serviço sem contrato ou sem assinar a carteira de trabalho. A resposta do patrão em relação ao que ele exigia foi uma cretina, com um sonoro “filho da puta!”.

Cristiano segue pela estrada correndo atrás de outro trabalho, numa disputa com outras pessoas na mesma condição. Assim, cruza com novos e antigos companheiros no trabalho pesado, na construção de estrada em Valadares. No jogo de carteadado, momento de descanso, Nato, companheiro de trabalho, parceiro futuro de inúmeras outras tarefas, conta a piada sobre Arábia, onde um árabe, sabendo da qualidade da mão de obra barata dos brasileiros, contrata os melhores pedreiros para uma obra em seu país. No momento em que estavam no avião, o piloto precisou fazer um pouso de emergência no meio do deserto. Um dos pedreiros, sem entender nada, olha para todos os lados e só vê areia, fica espantado e fala aos outros: “imagina quando chegar o cimento, estamos ferrados!”.

Em um quarto, os trabalhadores, no intervalo, se divertem na medida do possível. Cantam *Cowboy fora da lei*, de Raul Seixas, a camisa de Cristiano possui a imagem de Che Guevara e todos se entorpecem com maconha. Em outro momento, no refeitório, há um diálogo sobre a comida, no qual Luizinho, antigo amigo, que se junta a convite de Cristiano, porém não parece ter muita vontade de realizar o trabalho duro, não faz a sua refeição, ele diz não gostar de comer muitas coisas. Em contraponto, Cristiano responde, rispidamente, que comeria até pedra se fosse possível, pois para ele ruim era passar fome. Em contraste, a cena que une novamente os companheiros de trabalho é para a leitura de uma carta em conjunto, enviada pela mãe de Nato, a qual fala sobre a preocupação e saudades que é colocada pela distância que a procura do trabalho impôs. A dor da saudade é compartilhada por aqueles que possuem traços em comum.

Juntos, esses companheiros caminharam e trabalharam em muitos lugares, fazendo da estrada a sua casa, sempre em movimento e encontrando muitas pessoas, as quais tinham muitas histórias, até aqueles mais tímidos. Em um momento no qual estava realizando alguns serviços com Nato, dos mais variados possível, pois precisavam se manter, Cristiano acaba atropelando uma pessoa, no meio da noite. Sua reação é banal, parecendo ser pouco afetado pela vida perdida. Até mesmo no destino que foi dado, jogar o cadáver na ribanceira, seu medo imediato era de ser preso, sua única preocupação no momento, que o faz tomar outro rumo, novamente o da estrada.

No encontro com um caminhoneiro, Antônio Carlos, em cena bem enquadrada, Cristiano, sentado em um caixote de plástico e Antônio Carlos apoiado em uma escada, desenvolvem de forma teatral, meio engessada, o seguinte diálogo:

Cristiano - A pior coisa que tem para carregar é o cimento. Aqueles sacos pesam uns cinquenta quilos, parece que têm mais de uma tonelada.

Antônio Carlos - Já carregou telha? Não tem nada pior que carregar telha.

Cristiano - Cimento é pior que telha, telha é até de boa.

Antônio Carlos - É nada.

Cristiano - Lenha é horrível.

Antônio Carlos - Lenha é mais fácil para mulher.

Cristiano - Tijolo e abóbora.

Antônio Carlos - Porco vivo, não tem nada pior.

Cristiano - Sal... queima a pele toda.

Antônio Carlos - Bom de carregar é ração de peixe. Cê vê aquele sacão gigante, você vai pegar é levinho. Ração de peixe é bom de carregar.

Cristiano - É fácil de carregar, mas você fica com o corpo todo fendendo.

Antônio Carlos - Batata é bom de carregar. Café!

Cristiano - Café e semente!

Antônio Carlos - Vinho! Colchão de espuma.

Cristiano - Arroz, areia.

Antônio Carlos - Se eu tivesse condições eu ia eu mesmo descarregar aquele caminhão e economizava dinheiro.

Cristiano - Se eu tivesse dinheiro comprava logo uma empilhadeira.

Qual peso é melhor de carregar? Qual fardo e em que condições isso é possível de ser feito? Suas soluções não ultrapassam a realidade. Poder ter condições de fazer o trabalho sozinho para poder ter mais dinheiro ou poder ter uma empilhadeira; porém, em nenhum momento é possível pensar em deixar de carregar pesos. O afeto parece estar no ponto de encontro entre os personagens quando se fala sobre pesos bons de serem carregados, mas se esvai no destino contado sem afetação, como na morte por diabetes de Antônio Carlos; ralações tocantes que podem ser rapidamente deixadas de lado, pois, afinal, é necessário seguir.

O trabalho na tecelagem é onde Cristiano conhece Ana e começa um romance. Para ele, foi o mais perto de uma família no qual ele chegou, seu verdadeiro sonho, mas o pequeno momento de felicidade e afeto ficou no quase. É o encontro e o desencontro com essa pessoa

amada, a sua dificuldade de dizer o que sentia, que o coloca novamente na estrada. As perdas iriam acontecer sempre da mesma forma. É nesse momento que reencontra com Cascão, antigo colega de prisão, que ajuda Cristiano a trabalhar na fábrica. O serviço é pesado e seu recomeço ocorre na função mais difícil, nas entranhas da fábrica, que queima e sai fumaça o tempo todo. Seu corpo é levado à exaustão, principalmente quando seu turno é trocado. Fica a pensar o quanto na juventude as esperanças e possibilidades são muitas; porém, a fábrica vai tirando-as principalmente quando Cristiano pensa em André. Ele se percebe perdendo a vontade de trabalhar depois que seu companheiro Cascão foi demitido. Porém, em certo dia de trabalho, ele acorda de um pesadelo ao ver a fábrica ao seu redor sem o barulho constante, apenas o de seu coração. Seu sentimento é de tristeza, pois ele não conhece ninguém ali e aquele lugar não tem nenhum valor para ele. É assim que Cristiano conta em um pequeno manifesto sobre sua condição:

Me sinto como um cavalo velho cansado, meus olhos doem, minha cabeça dói, não tenho forças para trabalhar... Queria puxar os meus colegas pelos braços, dizer que acordei e dizer que nos enganaram a vida toda. Estou cansado. Queria ir pra casa, queria que todos fossem pra casa. Queria que a gente abandonasse tudo, deixasse as máquinas queimando, o óleo derramando, os pedaços de ferro abandonados, a esteira desligada, a lava quente queimando, derramando tudo, queimando as máquinas, a terra, as britas e a fumaça subindo, preto igual à noite, tapando o céu e jogando o dinheiro fora. E a gente ia estar em casa, tomando água, dormindo de tarde. A gente ia tossir a fumaça preta, ia cuspir os pedaços de ferro dos nossos pulmões. Nosso sangue ia deixar de ser um rio de minério, de bauxita, de alumínio e ia voltar a ser vermelho, igual quando a gente é novo. É por isso que eu queria chamar todo mundo, chamar os forneiros, os eletricitas, os soldadores e os encarregados. Os homens e as mulheres e dizer no ouvido de cada um: vamos para casa, nós só somos um bando de cavalos velhos! Mas eu sei que ninguém iria nos ouvir, porque ninguém gosta de escutar essas coisas. Mas eu queria falar no ouvido de cada um deles: a nossa vida é um engano e a gente sempre vai ser isso, e tudo que a gente tem é esse braço forte e nossa vontade de acordar cedo.

O filme encerra no calor de uma fogueira e com o relato de um sonho, no qual Cristiano é perseguido e se esconde em uma mata, enquanto o murmúrio vai cessando; é o momento em que ele se dá conta de que é possível respirar, saber que está vivo. Seu grito e sua vontade de virar o jogo devem ser deixados de lado; afinal, não são todos que acordaram como ele e, por mais barulho que fizesse, não seria possível acordar seus estranhos companheiros. É isso que o

faz dormir. O delicado retrato de uma trajetória de trabalho, de mudanças e reconhecimento de afetos, o necessário distanciamento para se manter em atividade. Esse sujeito trabalhador chamado Cristiano pode contar sua história, seus erros e acertos, o que não o torna um herói, mas possibilita o resgate do seu ser embrutecido pelo trabalho braçal; ele desiste e, apesar de poder acordar, escolhe se manter dormindo. Afinal, quais cargas são as melhores de serem carregadas? Quais são as escolhas possíveis em mundo em que pouco é possível? O que busca Cristiano nesse enorme deserto transformado em um canteiro de obras?

No texto de Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010), intitulado *As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado*, os autores apresentam a questão do trabalho sob um ponto de vista diferente do que uma parcela do senso comum acredita, isto é, que, por meio do trabalho, seria possível conquistar certa dignidade, o que não se sustenta na realidade. Podemos observar isso ao acompanhar a busca por redenção de Cristiano, após o tempo encarcerado, que, na quase obsessiva procura por ocupação, vai se afastando da sua realidade, entrando em outra quase tão complexa quanto a anterior. A questão a se pensar são as circunstanciais sociais e históricas que levaram os autores a pensar em 3 binômios para o trabalho: 1) trabalho e adoecimento; 2) trabalho e degradação/crise ambiental; 3) trabalho e precarização social. O que podemos ler é que, mesmo em momentos nos quais as condições de trabalho foram melhores, a lógica de acumulação que rege o capitalismo impede que o trabalho seja um meio de emancipação e de conquistar dignidade, o que, nos dias atuais, tem se ampliado para uma “era de precarização social”. O processo de flexibilização das relações trabalhistas, com a entrada da terceirização dos serviços e de trabalhadores, assim como o retrocesso em relação a regulamentações alcançadas em décadas passadas, faz com que as fronteiras entre excluídos e incluídos se tornem tênues, atingindo muitos trabalhadores. E que políticas ativas de caráter neoliberal, que se desenrolam na precarização, afetam não apenas o lugar de trabalho, como nos contam os autores:

Na verdade, a precarização é um processo multidimensional que altera a vida dentro e fora do trabalho. Nas empresas se expressa em formas de organização pautadas no *just in time*, na gestão pelo medo, nas práticas participativas forçadas, na imposição sutil de autoaceleração, na multifuncionalidade, dentre outros métodos voltados ao controle maximizado (p. 231).

Processo que tem gradual expansão a partir da década de 1980, com perda de algumas dimensões, que os autores colocam em destaque, como vínculos *de trabalho e as relações contratuais*, o que diz sobre o processo político e social de retirada de direitos trabalhistas, como,

por exemplo, descanso remunerado e férias, perda de benefícios indiretos, como plano de saúde. Isso leva a um quadro de instabilidade a todos, mesmo aqueles com vínculos supostamente mais seguros, gerando insegurança e tornando a condução pelo medo possível.

Outra dimensão trazida por Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010) se refere à organização e às condições de trabalho, pressionadas pela exigência de produtividade, somado ao controle intensivo e à escassez de tempo. Este é tomado pela presença do trabalho cada vez maior no espaço ocioso, retirando tempo de pausa e descanso necessários para a saúde física e mental do trabalhador. Uma questão que se soma a isso é a mudança constante de ambientes de trabalho, o que gera nesses sujeitos inúmeros efeitos, como a falta de expectativa profissional e o assujeitamento a processos adoecedores, assim como a falta da noção de pertencimento, como ocorre com nosso personagem, que tem a estrada como casa e que, nos momentos de impasse, tem apenas como opção seguir para outro lugar com uma nova tarefa.

Essas situações acarretam outra dimensão: a precarização da saúde dos trabalhadores. A escolha dos empregadores em deixar de investir na saúde do trabalhador, a fim de poder cortar gastos, coloca essas pessoas diante de riscos maiores. Seguido da ligação precária da relação profissional, aqueles que se encontram em colocação terceirizada possuem maiores chances de estarem em condições precárias, acarretando problemas físicos e mentais que colocam em risco a vida dos trabalhadores. Isso implica a fragilização do reconhecimento social, uma vez que o trabalho é um dos principais vínculos sociais com mundo e, quando essa noção é afetada pela fragilidade das estruturas e vínculos trabalhistas, faz com que a noção de si seja perdida, tornando o trabalhador um sujeito que não tem valor ou noção de quem é como cidadão. Isso faz com que o processo de coisificação se acentue, ampliando a possibilidade de se naturalizar violências e abusos.

Acrescenta-se a isso a fragilidade da representação coletiva e da força sindical, a qual perdeu espaço ao longo dos anos. Essa dimensão contribui para a precarização, deixando os trabalhadores desprotegidos na relação com o seu patrão. A prática imposta pelo alinhamento político que está em voga, de flexibilizar e precarizar, coloca em ação um terceiro agente, que libera o peso de um primeiro – no caso, um empregador – sobre as responsabilidades e encargos empregatícios, dando, dessa forma, uma nova roupagem para a relação entre o capital e o trabalho, que esconde uma realidade brutal entre esses dois lugares. Esse cenário gera uma forma de violência, a “violência da excelência” (Franco, Druck & Seligmann-Silva, 2010, p. 238), na qual, pela busca de uma perfeição, se abre brechas para vários tipos de abusos que causam efeitos duradouros.

Na sua trajetória, Cristiano se depara com as ideias de Barreto, que, mesmo depois de sua morte, ainda consegue causar efeitos em relação à sua luta na busca por condições trabalhistas melhores. Ainda assim, ao se deparar com o impasse de trabalhar muito nas mexericas, depois de três meses sem receber e ao questionar o patrão, podemos ver o quanto a situação de Cristiano é extremamente frágil, sem contrato, sem direitos, sem lei. Ao contrário das palavras de Barreto, ele encara sozinho o grande cachorro, o patrão, e consegue de forma precária uma compensação, demonstrando como seria a quase mística possibilidade do trabalhador negociar com o patrão.

O texto *Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo*, de Navarro e Padilha (2007), parte de uma concepção marxista de trabalho como atividade vital para pensar as consequências das mudanças que ocorrem o século XXI. O crescente estado de precarização, o desemprego, por um lado, e o excesso de trabalho, por outro, bem como a fragilidade da representação sindical, geram por si problemas de saúde para esses trabalhadores. Ainda assim, o trabalho é de grande importância para as pessoas, pois preenche um importante espaço da vida, servindo como anteparo para colocar esse sujeito como participante da vida social, construindo suas identidades através da sua atividade. Como é apontado no texto, o trabalho supera o econômico como questão central e tem tanta importância que ocupa também a esfera psíquica. A pergunta é: que tipo de trabalho é esse que pode adoecer? Partimos aqui do princípio marxista, no qual se entende que, por meio do trabalho, o sujeito se torna um ser social, agindo sobre a natureza, enquanto sua natureza se modifica no ato de produção da vida, presumindo que exista a consciência de quais meios e fins que se almeja atingir. Diferencia-se, assim, o trabalho como categoria primeira, como atividade de criação que faz surgir o valor de uso. O trabalho concreto cria valor de uso, isto é, para a satisfação, e o trabalho abstrato é aquele em que a produção excede a satisfação. Com a estrutura capitalista mais consolidada, o uso perde valor para a troca, culminando no descarte de produtos sem necessidade, muitas vezes antes de seu prazo final, a fim de que o consumo não cesse, nem que com isso deliberadamente a qualidade dos produtos seja inferior. Uma das contradições que o capitalismo coloca em relação ao trabalho é entendê-lo como capaz de ser um iniciante de um ser social, o trabalho tendo a capacidade de humanizar os sujeitos. No entanto, na lógica do capital, ele os transforma em alienados, o trabalhador coloca seu sangue e seu suor na transformação de objetos que lhe são estranhos, que ele não tem a possibilidade de possuir.

A crítica ao trabalho abstrato, na sociedade capitalista, é de que ele a tudo transforma em mercadoria, inclusive a força do trabalhador, transformando-o em coisa, impedindo o

desenvolvimento das potências humanas. Nesse contexto, o trabalho rebaixa a atividade humana a uma busca por subsistência. Em contraponto, a sociedade emancipada seria a que conseguiria interromper a alienação produzida pelo trabalho abstrato. Para isso, seria necessário não abdicar da dimensão concreta do trabalho.

Partindo da dimensão do trabalho como elemento fundante de um ser social, pode-se questionar o que gera as transformações no mundo do trabalho e na vida dos trabalhadores. As noções de forças produtivas, de ciência e de técnica têm ganhado espaço, aumentando os estranhamentos, num processo contraditório de capacitação do capital que suprime postos de trabalho, que não são por si processos perversos, mas seu uso pelo sistema pode ter esse caráter. Como exemplo, Navarro e Padilha (2007) citam o contexto das fábricas que surgem com o avanço tecnológico e que serviram de diferentes formas para que fosse possível disciplinar corpos ao longo do tempo, fazendo uso de diversas técnicas e saberes. A história da organização do trabalho a partir do desenvolvimento tecnológico contribuiu para a acumulação capitalista, mas não ajudou a diminuir a exploração dos trabalhadores, pelo contrário, as intensificou. Nos diferentes tipos de organização, do Taylorismo ao Fordismo e até o atual Toyotismo, não só configuram a relação no chão da fábrica, como ditam as formas de vida dos trabalhadores, indo muito além da relação com a fábrica. Esta vem enfrentando processos de instabilidade em todas as suas formas de trabalho, ocasionando certo tipo de mal-estar em relação ao trabalho e ao tempo, sentidos pelo corpo desses trabalhadores (Franco, Druck & Seligmann-Silva, 2010).

Duas cenas em *Arábia* podem ser lembradas aqui. A primeira quando Cristiano é acolhido por seu primo e vai dormir em um lugar improvisado, onde eles têm um diálogo no qual Cristiano diz não ligar muito para dormir e começa a falar sobre os lugares em que dormiu, ou pelos menos que tentou – um corpo que não pode se dar ao luxo de um bom descanso, de uma tranquila noite de sono. A segunda cena quando seu antigo amigo, que faz pouco caso de trabalho, fala sobre a comida e que não gostava de muitas coisas que eram oferecidas ali e, em resposta, Cristiano diz que ele poderia comer até pedra, se fosse possível. Comer o que tem para comer, dormir onde é possível dormir – isso faz pensar que lógica é essa onde a força de trabalho pode ser explorada ao limite. O que faz questionar onde o trabalho está presente, qual é o seu peso cultural e quais corpos o podem experimentar livremente, principalmente quando se pensa nos planos políticos e organizacionais de nossa vida cotidiana?

O livro *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*, organizado por Dunker, Silva Jr. e Safatle (2021), traz a premissa de que o neoliberalismo, corrente teórica da economia, não é apenas uma teoria, mas um formato de vivência constituída por uma política que nomeia

um mal-estar e, com isso, a uma ação e modificação no estatuto social do sofrimento. Nesse contexto, o neoliberalismo faz uso da moral com o intuito de que o trabalhador realize a gestão de seu trabalho, tal como ocorre em uma empresa. Trata-se de um sujeito empreendedor de si.

E como, na história brasileira, foi se constituindo um ideário neoliberal, se adequando a particularidades da cultura local? No texto *Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira*, Dunker, Paulon, Sanches, Lana, Lima e Bazzo (2021) falam sobre essa inserção do ideário neoliberal nos diferentes setores da sociedade brasileira. Os autores assinalam a derrocada de um projeto de proteção trabalhista, o qual o Brasil tinha como política e que foi capaz de gerar a constituição de 1988, para uma nova ideia, o neoliberalismo, que, para os autores, significa a gestão do sofrimento. O texto fala sobre o objetivo desse agenciamento na busca de usar a defesa contra esses sofrimentos como ferramenta produtiva. Os exemplos usados são as metas absurdas para forçar o trabalhador a produzir nas suas mais altas possibilidades, a competição com outros trabalhadores, o oferecimento de bônus, entre outros recursos. A isso soma-se a relação muitas vezes frágil, já comentada por aqui, do vínculo trabalhista. Além disso, destaca-se, inclusive, a tentativa de renomear funções, como, por exemplo, de “trabalhador” esse cidadão passa a ser o “colaborador”, aquele que está ativamente contribuindo para o crescimento da empresa. Essa movimentação faz surgir esse grande *super* empresário de si, que tem alta performance na gerência de si, tudo serve de investimentos para ganhos, tudo é racional, todas as escolhas são investimentos, mesmo nas pequenas coisas do dia a dia. Nesse plano, até o sofrimento torna-se um produto a ser explorado, apoiados em uma linguagem criada para reforçar essa ideia, em livros de autoajuda, em palestras e etc. E, caso exista a falha desse sujeito que se acredita empresário de si, haverá lhe esperando uma indústria farmacêutica, psicoterapias variadas, a ajuda de *coaches* e mestres, assim como igrejas, para seu auxílio.

É em *Arábia* que posso encontrar uma correspondência com a minha trajetória de trabalho, a qual compartilho em meu diário de praça, por exemplo, nos dias 18 de março e 13 de maio, em que falo sobre quando eu trabalhei no terceiro setor, na cidade de Diadema/São Paulo, por cerca de 7 anos. Tinha que atravessar as cidades para chegar de qualquer forma ao meu destino, apenas com o fone de ouvido na companhia de Racionais e de O Rappa com suas músicas. Existe quase uma impossibilidade de sair dessa forma de pensamento para aqueles que ali moram. Para os jovens, o sonho era pensar na possibilidade de trabalhar em fábricas como Volkswagen, Scania ou Mercedes, as quais, algumas décadas passadas, ofereciam um bom salário e ótimas condições de trabalho para um “peão”. O que não era a minha realidade em

meu trabalho cansativo e repetitivo, com salário baixo e muito serviço, além de pouca possibilidade de crescimento. Foi assim que eu “acordei” e me empenhei em uma nova jornada, que passava pelo deslocamento para uma nova cidade e, mais do que isso, para um estado desconhecido, na busca de uma formação, amparado por ações governamentais que me auxiliaram a conseguir fazer isso, poder me formar em Psicologia. Essa forma de trabalho com a escuta não exige menos dedicação do que aquilo que eu fazia anteriormente, mas ainda assim é diferente, seus resultados são, de certa forma, difíceis de serem apreendidos. Muito diferente de uma máquina, pronta e ligada, que vaza se não está arrumada. Além disso, há o fato de esse trabalho oferecer algo que está longe de uma realidade programada de sujeira e ferramentas de uma oficina. O que é relatado nesses trechos que se encontram no diário é a realidade que é melhor do que já foi e a promessa dada pela relação com os colegas do Coletivo. Que, claro, possuem trajetórias distintas, o que não impediu que uma questão de classe emergisse. Principalmente no sentimento de inadequação presente durante essa trajetória, marcada pelo desejo de trabalhar com psicanálise e ser reconhecido como tal, um psicanalista.

O artigo de Tupinambá (2014), *A psicanálise é um trabalho? Uma profissão impossível e o conceito marxista de trabalho*, tensiona a ideia de que a psicanálise pode ser considerada um trabalho. Para se estabelecer como profissão, seria necessário se aliar aos processos de regulamentação, o que se torna um impasse para a psicanálise, somando-se à necessidade de pensar o serviço oferecido pela análise. Pois, afinal, ao contrário de outras práticas, o processo realizado não se fecha na demanda do analisando e tem funcionamento em outro momento, do lado mais profundo do sintoma, descaracterizando a prestação de um serviço, como, por exemplo, o que presta um psiquiatra em relação à demanda do paciente que lhe procura.

A noção de trabalho de Marx parte da diferenciação entre valor de uso e valor de troca. Um produto tem valor de troca na medida em que pode ser útil para os outros, fruto de um trabalho concreto, ou seja, transformando algo inútil em algo dotado de utilidade, tendo seu valor na medida em que pode ser trocado. Se um trabalho se define pela demanda que pode dar conta, a psicanálise enfrenta um impasse, pois lhe é impossível atender à demanda do paciente. Por mais que um analista receba dinheiro em troca (alguns, muito dinheiro), o analisando não recebe o que ele criou como expectativa, pois só é possível saber o que de fato foi a busca no próprio processo de análise. A primeira impressão é de que o psicanalista não presta um serviço, na medida em que não responde a uma demanda, o que caracteriza exatamente o trabalho do psicanalista e que gera efeitos. Então existe um serviço prestado, que não pode ser definido *a priori*, sendo efeito direto da ação desse psicanalista, demarcando, assim, a psicanálise como

uma profissão impossível, pois, como, educar e governar, o intuito do trabalho não é direto, mas atravessando por outra instância. A psicanálise pode ser um trabalho na medida em que os analistas não entregam o que foi pedido.

E, se a psicanálise é um trabalho, o psicanalista é um trabalhador? Em que cadeia de produção se coloca esse profissional? Fica a questão: como aquele que escuta pode se ver como um trabalhador, que precisa fazer uso de códigos comuns, de lugares, de palavras e de vestimentas? É preciso ter em vista que boa parte da formação analítica se passa em associações que requerem alguns requisitos para que o candidato seja reconhecido. É aqui que esbarramos no problema do alto valor de investimento necessário para uma formação analítica. Esta era a realidade do grupo que constituía o Coletivo de Psicanálise na Praça de Porto Alegre, com a presença de membros de diferentes intuições psicanalíticas da cidade. E, por mais que fossem das mais variadas instituições, havia ali certa voz que falava uma linguagem das instituições.

Assim como outros Coletivos que realizam atendimentos com essa proposta, existe um quadro que traz em seus dizeres o nome do Coletivo, o horário e a frase “atendimento individual e gratuito”, com a ideia de que essa relação é possível sem o intermédio do dinheiro. Isso foi o que podemos perceber vendo a história de alguns Coletivos descritos por aqui, ainda que o valor possa estar circulando, sem a troca efetiva do dinheiro. Trago no diário o encontro com um grupo de investidores sociais que queriam dar ao Coletivo uma ajuda financeira, cabendo aqui alguns pensamentos. Do lado de lá, esse grupo tem uma iniciativa interessante, poder colocar esse dinheiro acumulado em outros lugares, com premissas sociais. Isso ajuda a desenvolver ideias e a dar um rumo diferente a um dinheiro que não irá, pelos menos por esperança, financiar projetos que piorem a situação das pessoas que estão fora do acesso a certo tipo de circulação de bens e ideias. Ainda assim, é curioso: existe a possibilidade de isso consistir em uma cooptação? Mesmo que a princípio não exija nada? E, do lado do Coletivo, pensando agora com certa distância, a decisão de aceitar parecia ser muito precoce. De minha parte, o dinheiro era de grande importância e, por isso, não seria fácil comprar uma cadeira. Isso também faz lembrar os duros encontros com as pessoas em situação de rua, no caminho até a praça, que eu fazia a pé. Ajudei alguns, para outros tinha apenas um não. O que leva à questão ética de estar atento e crítico, compreendendo o que o trabalho oferecido significa em relação ao sofrimento.

É o que Guimarães e Jardim (2019) enfatizam no texto *Dimensão sociopolítica do sofrimento como fundamental para uma escuta e formação psicanalíticas críticas*. Para os autores, o atual momento político do Brasil, caracterizado pela fragilidade das instituições democráticas, aumenta os quadros de vulnerabilidade social e desamparo psíquico, tornando

necessário o envolvimento da psicanálise na denúncia desse cenário e no manejo de suas consequências. Refletindo sobre a posição muitas vezes ocupada por psicanalistas na estrutura socioeconômica e suas consequências na relação analítica, os autores buscam pensar maneiras de democratização da psicanálise, quer seja no que concerne ao tratamento, quer seja no que diz respeito à formação, para que a psicanálise, talvez um dia, fuja da lógica de mercado em que se forjou. Neste momento politicamente sombrio que assola o país, com o aumento da desigualdade e do sofrimento, somado a uma pandemia que afetou, de um modo ou de outro, a todas as pessoas, buscar outras formas de resistência se faz necessário.

O que é possível perceber na ação dos Coletivos, principalmente daquele que pude observar mais atentamente – no caso, o Coletivo de Psicanálise na Praça de Porto Alegre –, é o quanto possuem potencialidades e valor, na já consistente história que criaram; e em como é possível se pensar como trabalhadores oferecendo a outros trabalhadores a escuta, fora dos muros e caixas. É certo que não é uma prática tão simples e que não pode servir apenas para fotos bonitas. Posição ética que pode ter efeitos na própria constituição da psicanálise, na sua divisão ampla e democrática, para quem sabe visar mudanças estruturais maiores. E, mesmo sendo cavalos velhos, sonhar é possível, que os olhos estejam abertos e que os ouvidos escutem, que possamos cuspir todos a fumaça engolida. Tudo o que foi discutido nos coloca no caminho de pensar que público é esse em que se apoiam essas ações de escuta e que territórios a psicanálise pode ocupar.

A PRAÇA

Para iniciar este tópico, relembro aqui a piada dos pedreiros, que, contratados para uma obra na Arábia, precisam fazer um pouso forçado no deserto e ficam assustados ao ver areia por todos os lados, uma das principais matérias primas de seu trabalho. Ver tanta areia presumia que o serviço que os esperava era muito grande. Seria essa uma semelhança, pelo menos por algum momento, quando os primeiros analistas, com suas cadeiras de praia, ofertaram sua escuta na cidade de Porto Alegre, mais especificamente na Praça da Alfândega. Ficaram diante de um imenso deserto de possibilidades, de trabalhos e de dúvidas. E, possivelmente, essa angústia possa se reatualizar cada vez que uma nova pessoa fizer essa aposta de atender em uma praça. Encantamento que rivaliza com a realidade diária e brutal no dia a dia daqueles que de fato fazem o lugar ter vida. Como é possível que pessoas que geralmente não ocupam determinado espaço passem a ocupá-lo com uma proposta, no caso da psicanálise, alheia aquele

espaço? Como foi possível ver, cada Coletivo encontrou determinado território, cada qual com uma história e importância. Cada praça, cada estação, cada lugar que a princípio se diz público, trouxe desafios e percepções que geraram inúmeras questões. O que não foi diferente em relação ao Coletivo de Porto Alegre. Motivados por questões políticas, um grupo de analistas, no ano de 2018, se juntou e ocupou um pedaço da cidade, a Praça da Alfândega. Ali colocaram suas cadeiras de praia e começaram a atender. Vieram outros, se foram alguns.

A Praça da Alfândega foi o lugar escolhido para abrigar meu trabalho, uma praça que se encontra no Centro Histórico de Porto Alegre, espaçosa e arborizada. Lugar que provavelmente abrigou os primeiros habitantes da cidade em 1772. Era conhecida como Largo da Quitanda e, posteriormente, foi chamada de Praça do Comércio. Apenas em 1824, com a construção de um novo edifício que abrigaria a alfândega, a praça seria chamada de Praça da Alfândega, sendo reformulada e modernizada no século XX, com a construção de importantes prédios, como a Delegacia Fiscal. Esses prédios abrigam agora museus: Museu de Arte do Rio Grande do Sul-MARGS, Memorial do Rio Grande do Sul e Santander Cultural. Uma vez por ano, a Praça da Alfândega ainda abriga a feira do livro da cidade (Marcon, 2015).

Por debaixo daquela terra também existem vestígios da ocupação indígena de tempos antigos (Monumenta, 2007). Em seu entorno, há comércios, pessoas em situação de rua, outras oferecendo ajuda e, nos sábados pela manhã, analistas em atendimento. Encontramos por ali o prefeito da praça, um curador que mantém o cuidado com as árvores e outras questões relacionadas à manutenção da praça. Foi ali que pude ver o encontro sobre o qual comento em meu Diário de Campo no dia 24 de junho de 2023, onde presenciamos uma confusão com agressão, a qual pode ter muitos sentidos e direções para aqueles que a presenciaram. De fato, um lugar de encontros, que podemos ver e sentir durante os momentos em que se está ali.

Foi no dia 1 de outubro 2022, que estive pela primeira vez na praça e no Coletivo, logo no momento tenso de uma eleição. A cidade era uma polifonia. Estar ali, no lugar que iria conhecer aos poucos, me foi estranho. Observar e atender foi, também, uma grande experiência. Mesmo nos momentos em que me perdia pela cidade e podia conhecê-la melhor, como um estrangeiro. A vida em cada sábado é diferente, às vezes mais calma e preguiçosa, em outros momentos uma agitação. A presença de turistas, que muitas vezes param, falam sobre a iniciativa e ocupam em bandos os museus da praça, é constante. Existem aqueles que são errantes, que circulam pela cidade, por vezes se encontram com o Coletivo, sem deixar de causar efeitos. Sejam quais forem as motivações individuais, colocar o corpo em atendimento na rua pode parecer altruísta ou guardar motivações egóicas, como ter visibilidade; porém, na

medida em que os atendimentos podem desestabilizar o *setting*, é impossível fazer semblante, falsear uma posição, o que podemos perceber é de muita importância para todos os Coletivos.

A Praça da Matriz é o lugar provisório em que o Coletivo ocupa nos dias de Feira do Livro. Ali estão presentes lugares importantes, como o Palácio Farroupilha, o Theatro São Pedro e o Palácio da Justiça, um prédio histórico de muita beleza e de certa opulência que, em parte da sua lateral, abriga algumas pessoas em situação de rua. É no Palácio da Justiça que, em dias de chuva, em um pequeno espaço entre um cercadinho e a rua, o Coletivo faz os seus atendimentos.

Esses são os espaços que funcionam como *setting*, no caso, o ambiente reservado para os atendimentos. No *setting* clássico, busca-se um espaço livre de interferências externas, em prol de facilitar a relação analítica. É o que fazemos, na medida do possível, sentados nas cadeiras de praia ou nos bancos da praça. Muitas vezes com interferência da natureza, das folhas e sementes que caem das árvores, da chuva inesperada ou do sol forte, que atrapalha a visão. Da fumaça, dos cheiros, das palavras e gritos, das pessoas que passam por ali. É em transferência, ou seja, na relação entre analista e analisando, que esse processo é possível de acontecer. Como as pessoas que sentam e falam podem acreditar que de fato são analistas éticos que estão ali? Muitas pessoas retornam, sábado após sábado, por meses e anos. Há também aqueles que ficam seduzidos com a ideia de poder realizar atendimentos, principalmente com pessoas que passam tirando fotografias do quadro.

Cristiano e seus companheiros de trabalho, em *Arábia*, estavam geralmente encerrados na fantasmagórica e maquinial fábrica, presos a esses lugares grandes e tendo pouco espaço livre para respirar. Talvez apenas no amor, ou na possibilidade desse amor, é possível estar em um parque ao ar livre e se divertir. As ruas e estradas são apenas caminhos usados para se chegar à labuta. A quais prisões estão presos esses trabalhadores, seja da ficção ou de uma praça em uma cidade do Rio Grande do Sul? Como se vive essa cidade?

A posição do Coletivo de Psicanálise na Praça da Alfândega de Porto Alegre, assim como de outros Coletivos de Psicanálise, de ocupar um espaço na cidade, nos leva a pensar no termo “direito à cidade”, cunhado por Lefebvre (2001). De acordo com Oliveira e Silva (2020), a transformação das cidades, em função da expansão industrial capitalista, fez com que se perdesse uma vida orgânica dos cidadãos e cidadãs, resultando em segregações e em uma lógica de mercado que domina a vida urbana. Para que essa lógica se inverta, é necessário inventar uma nova cidade; e, para que essa nova cidade de fato funcione, seria necessário um novo

humanismo, caracterizando o direito à cidade como um direito básico. Mesmo possuindo um caráter utópico, se faz necessário lutar por outra cidade, como pontua Lefebvre:

Impossível considerar a hipótese da reconstituição da cidade antiga; possível apenas encarar a construção de uma nova cidade, sobre novas bases, numa outra escala, em outras condições, numa outra sociedade. Nem retorno (para a cidade tradicional), nem fuga para frente, para aglomeração colossal e informe – esta é a prescrição (2001, p. 106).

É o que Lefebvre (2001) nos traz em seu livro chamado *Direito à cidade*. Para dar início à “problemática urbana”, parte-se do processo de industrialização, responsável pelas mudanças das sociedades nos últimos séculos. As questões teóricas encontram-se na necessidade de se reformar as formas e funções que modelam as estruturas da cidade, que incluem as questões econômicas, políticas e culturais, além das necessidades sociais. Pois, até o momento, as questões individuais, que possuem base em uma sociedade de consumo, foram as únicas analisadas ou, como traz Lefebvre, “foram manipuladas” (p. 105). Segundo o autor, as condições sociais necessárias têm uma fundamentação antropológica, que compreende necessidades opostas que se complementam, logo, de segurança e de abertura, do imprevisto e do previsto, do trabalho e de jogar. Tendo a necessidade de acumular certa energia e de poder gastá-la, essas necessidades, somadas a outras específicas, são pouco levadas em consideração pelos urbanistas no momento de pensar a cidade. Seria apenas através de uma “ciência analítica da cidade”, que se encontra em construção, que seria possível avançar com o trabalho social dessas sociedades urbanas, superando ideologias e práticas que enforcam saberes e suscitando o direito a uma cidade onde existe a possibilidade de viver. A disputa constante que, muitas vezes, supera o próprio território, sob os olhos famintos do lucro e de políticas predatórias, aponta também para esse cenário de disputa em torno de um lugar público.

O artigo de Tittoni e Tietboehl (2020), com o título *Política na rua: subjetivação, resistência e ocupação dos espaços públicos*, fala sobre os movimentos sociais que atuaram ocupando espaços públicos de 2013 a 2015 na cidade de Porto Alegre. A discussão sobre a ocupação desse espaço público pode nos ajudar, principalmente, a compreender como esses grupos se posicionaram para exigir usar um espaço que, na teoria, era comum a todos. Inspirados à época pelos ventos da primavera árabe e pelos protestos pelo mundo, os movimentos por aqui se colocavam contrários aos processos de privatização que operavam na cidade. Esses espaços urbanos foram, aos poucos, deixados de serem usados pela população, tendo a sensação de que este espaço pertence a “ninguém”, principalmente quando a rua ou

outros espaços comuns são usados como meio para chegar ao privado e não devidamente ocupados para outras atividades, que possam gerar uma união coletiva, possibilitando a noção de que a rua fosse um lugar de medo e perigo, situação que amplia essa desconexão com o lugar público.

Situados no processo de uso dos lugares, em relação ao seu valor que se sobrepõe ao seu uso. O serviço estatal pode, por meios de ações ou com a falta de investimento, inviabilizar certo lugar para seu uso, esvaziando e dando brecha para que o setor privado possa ocupar e revitalizar o espaço que, porém, possui seus parâmetros. Ficando clara a motivação de gentrificação do espaço, ou seja, de “melhorar” o público que frequenta aquele lugar, geralmente de classes sociais mais abastadas em relação àquela que antes estava no local. O “raio gentrificador” espalha espaços *gourmets*, requintados com suas luzes amarelas. A aposta é na formação do comum, a multidão como conceito, onde a união se dá pela diversidade em prol de objetivos conjuntos. Talvez dessa forma seja possível ocupar espaços de ninguém, ou de quem pode pagar mais (Tittoni & Tietboehl, 2020).

No texto de David Harvey, *A liberdade da cidade* (2013), o autor comenta que, conforme a cidade é constituída em uma relação ao eu, ao nós e ao eles, que formam e desejam uma cidade, sua a liberdade seria a possibilidade não de acesso ao que já tem existência, mas a possibilidade de transformar a cidade de acordo com os desejos que carregamos. Dado o fato de a cidade ser um produto humano, isso acarreta, por assim dizer, a possibilidade de nos reformularmos como humanos, o que, segundo o autor, seria um dos mais preciosos direitos humanos. Mesmo que no momento atual haja uma visão contrária e que estas forças atuem pela escalada da divisão e da desconexão entre as pessoas, a capacidade de encontro que as cidades são capazes de propiciar pode nos levar ao crescimento. Porém, também pode levar a segregações, conflitos e violência. A pergunta é: como garantir o direito à cidade sem gerar violência? Para Harvey, citando Lefebvre, a mobilização social e a luta política seriam as respostas.

Em seu texto, Harvey (2013) segue com sugestões de mudança em algumas cidades que podem ser ampliadas e pensadas em prol de novas cidades. A questão que perpassa esse projeto é a resistência a políticas que tornam nosso dia a dia cada vez mais difícil. Diante desse cenário, uma resposta é cada vez mais necessária. Porém, pode-se dizer que a resposta aos processos de abuso vividos nas cidades pode ser considerada um ato simples de violência ou uma resposta digna contra a opressão. Talvez seja um direito responder em algum momento com a mesma intensidade sem ser condenado. De qualquer forma, não se pode cair no medo de conflitos,

abdicar de uma posição política e aceitar os termos colocados que inviabilizam a liberdade pretendida para uma cidade e as mudanças que realmente são necessárias para impactar o nosso próprio futuro.

No texto de Milton Santos (1998), *O retorno do território*, se coloca o risco de renunciar a um futuro, sendo necessário entender a noção de território. Tempos antes, o território estava relacionado ao estado-nação, que controlava vários lugares, passando então para uma noção pós-moderna de transnacionalização, sendo o território usado como objeto e ação, bem como sinônimo do espaço humano. Através de um novo modo de realização do espaço e do fazer uso do território, o que Milton chama de horizontalidades, lugares próximos e verticalidades, lugares distantes uns dos outros, são unidos por processos sociais. Ele levanta a ideia de espaço banal em oposição à noção de rede, tendo o espaço banal origem anterior às redes. Isso faz surgir novas formas de solidariedade e o retorno ao espaço banal, de todos, importante para rivalizar com essas redes técnicas advindas do mundo, represado principalmente pelo “mercado” que, no contexto do neoliberalismo, impede formas compartilhadas de viver em território, modos de viver em solidariedade. O palco de disputa é o território, sendo o lugar a sede de resistência da sociedade. O convite é de um retorno ao território, fazendo a análise e criando estratégias para uma horizontalidade, capaz de construir outro tipo de globalização, com regras, posturas ligadas mais às necessidades humanas do que às necessidades das grandes empresas e do mercado financeiro.

Houve o momento de se afastar e de continuar o trabalho de forma *online*, durante a pandemia de covid-19. Em 2023, o Coletivo completou 5 anos de vida. Mesmo com todo esse tempo e com o trabalho constante, ainda existem dúvidas sobre como realizar esse trabalho. Em muitos momentos, a sensação, que relato em alguns pontos do diário de praça, é de que o Coletivo não fazia parte daquele lugar. Ao se colocar o corpo, exposto ao ar livre, diante de uma cidade e em meio a uma praça, parecia haver, pelo menos de imediato, uma distância. A questão levantada é: existe uma relação com o necessário isolamento social e os efeitos pandêmicos ainda poucos possíveis de serem explicitados? Que corpos ainda estão dispostos a ocupar um lugar em um Coletivo? Meu corpo cansado percorreu ruas até a praça, mas não apagou, como podemos lembrar de nosso personagem Cristiano. Tudo isso mais uma vez nos aponta: que espaço é esse dito público que estamos tratando e como se faz um Coletivo nesse público?

O OLHAR, UM COLETIVO E O PÚBLICO

Eu posso, então, contar em meu Diário de Praça do dia 8 de outubro de 2022 como meu olhar navegava naquela escuta, nas pessoas que passavam e circulavam ao redor. O que me surpreende é um encontro com outro olhar, pintado em um quadro que me coloca de volta para a escuta. É esse meu olho que, uma semana depois, no dia 15 de outubro, passa a falhar, fica manchado e me impede de enxergar bem, meu corpo cansado não tem forças para estar presente, no sábado. Esse seria o meu papel ali, poder ver, enxergar de perto o funcionamento de um Coletivo, como um pesquisador, função a qual tinha pouco domínio e ainda não tenho certeza se posso saber o que significa. O que me fazia pensar no que era necessário estar atento, o que deveria ser anotado? O que faria ali? Como seria a metodologia? O que é um mestrado? Acrescentando, ainda, a possibilidade de realizar o desejo de fazer escutas, que desde 2019 não havia feito, pelo menos não de forma presencial. Estava em outro tipo de trabalho, esse que de alguma forma já tinha certa experiência. A diferença estava no retorno ao presencial, em uma praça da cidade na qual eu estava aprendendo a viver. Outro ponto decisivo: estar em um Coletivo de psicanálise e, assim, ser reconhecido como um psicanalista, poder pelo menos ali realizar essa escuta por esse reconhecimento. Estar nesse meio significou muitas coisas.

Tive a oportunidade de estar no Coletivo em um momento de grande importância, claro que não havia possibilidade de saber o que aconteceria. Estar atento e perceber como tudo isso passou pela minha experiência, tendo a possibilidade de contar essa história, é de grande relevância. Aquilo que conto no dia 1 de outubro de 2022, que foi o primeiro dia em que estive na praça, foi redigido primeiro em uma folha de papel e um tempo depois traduzido para o espaço em branco da tela do computador. Foi estranho, aliás, estranho, termo que poderia muito bem estar presente no subtítulo que guarda esse texto, pois ele será de uso recorrente. O estranho acontecia no encontro com aquelas pessoas que me eram desconhecidas, os analistas do Coletivo. Logo nesse primeiro dia, uma pessoa que procura atendimento acaba mobilizando a roda de todos ali presente, que foram deixando aos poucos as cadeiras, ficando, ali, apenas ela e eu. O que foi um pouco desconfortável e apontava para algo maior, que eu apenas começava a entender.

Adentrava, então, nas estranhas de um Coletivo, que estava vivo. De forma intensa e procurando entender do que se tratava aquilo tudo, considereei esse momento como uma crise, precisando repensar se seria ali o meu lugar e como realizar a pesquisa. Seria necessária uma primeira aposta e uma insistência de ali permanecer e ocupar. No dia 26 de novembro de 2022,

houve um evento promovido pelo Coletivo de Psicanálise na Praça, no qual foram lidas cartas sobre a cidade, sobre a praça e sobre a relação com a cidade. Na foto, apareço junto ao Coletivo, mas sem de fato estar me sentido fazendo parte. Não é estar na fotografia que foi decisivo para que as coisas pudessem ter outro rumo, foi, sim, poder levar para a minha casa uma das cadeiras do Coletivo, que carreguei a pé. Aqueles que tinham carro e estavam mais engajados no trabalho acabaram acumulando o material usado nos atendimentos, no caso, as cadeiras e o quadro. Era aí que o trabalho fazia volume e peso, e que era levado para o dia a dia. Dividir esse peso, mesmo com uma cadeira que pude levar comigo, me ajudou a ficar.

Pude ficar, aceitar e ver o que talvez minhas resistências pedissem para evitar. A estranheza, agora, era outra, e estava no Coletivo em si, na minha relação com esse lugar. Primeiro ponto, a questão de classe social, como pude falar ao longo do texto. Momento que fomenta uma segunda crise, a estranheza dá lugar ao mal-estar de ali estar. É o que posso dizer do dia 18 de março de 2023. Na ficção *Arábia*, Cristiano conta a sua jornada através do trabalho. Eu, que também posso descrever a minha pequena jornada nesse trabalho, observo que algumas coisas podem, ao menos olhando de longe, parecer exageradas. De qualquer forma, a diferença material era presente e parecia, ao meu ver, crucial para um dos motivos do mal-estar. Me deparo, então, com a possibilidade e a promessa do que a minha profissão tem a me oferecer e que ainda não percebia como realidade. Estar ali, realizando atendimentos gratuitos e públicos, exige investimentos de todos os tipos.

É o que me faz pensar o que levou e tem levado aquelas pessoas até ali, que motivações estariam em ação para poderem dedicar os sábados de manhã para este trabalho. Em um certo momento, quando foi percebido que faltariam membros no Coletivo em um futuro próximo, foi decidido pela abertura para novos membros. O que certamente teve seus efeitos. As contradições estavam aparecendo e, provavelmente, demandariam processos de discussão sobre raça e classe. No dia 07 de abril de 2023, um assunto que se desenrolava por semanas, isto é, um impasse sobre um dos colegas e a sua presença, ou falta dela, desgastava a energia do grupo. Talvez como descarga e servindo como alvo para algo que estaria além de um mal-estar, que estava difícil de ser nomeado, esse membro deixa o Coletivo – o mal-estar, não. Foi nesse dia que pude nomear o meu mal-estar, pude falar sobre o sentimento de não pertencimento que me tomava e pude ficar um pouco mais.

Haveria a possibilidade de realizar atendimentos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Parte do grupo aderiu a essa possibilidade, que dividia os membros, mas que foi aceita por todos. De qualquer forma, ela trazia uma complexidade, principalmente

no momento, com saídas de membros. Um dos membros fundadores do Coletivo, que em algum momento teria dito se sentir a mãe do Coletivo, o que por si só diz muito dessa relação, questiona a decisão, colocando em dúvida o trabalho e os rumos tomados. Uma oposição dura a essa posição vinda de outro colega gera uma discussão, que faz com que essa mãe saia, acusando esse membro de silenciamento. Acusações que iriam se repetir em outros momentos. Neste caso, o quanto a violência pode ser reproduzida no processo de trabalho coletivo? Mesmo que todos estejam bem letrados sobre questões raciais, de gênero e de classe, será que conseguimos escapar de reproduzir isso nas relações? Que efeitos isso gerava no interior desse Coletivo e na relação com o território? Perceber esses efeitos de atualização de violência parece imprescindível para que os membros, que possuem o desejo do trabalho, não sejam sacrificados ao longo da trajetória.

Em contraponto ao momento tenso, os atendimentos aconteciam sempre, principalmente quando a mídia da cidade relembra do Coletivo com uma série de reportagens, inclusive aumentando a demanda por atendimentos. Não sem consequência, apesar do ritmo, a sensação de distância em relação ao território parecia ser evidente. Em um evento promovido por dois Coletivos, o Coletivo de Psicanálise na Praça da Alfandega e um grupo de trabalho de umas das instituições psicanalítica da cidade, marca para mim a existência de uma diferença bem grande de lugares e ocupações, algumas pessoas ali não pareceriam ser parte daquele lugar. A cena das bocas se movimentando sem som fica. Apesar de estar próximo de completar 5 anos de vida na época, o Coletivo não parecia ainda pertencer àquele lugar, talvez o próprio Coletivo não se sentia pertencente ao lugar. O que geraria esse mal-estar? Existia, ao menos pelo meu olhar, uma distância do território, mesmo estando nele.

Eis que, no dia 17 de junho de 2023, junto com um ciclone, chega a Porto Alegre o “casal Broide”, Emília e Jorge, referências para o trabalho realizado nos Coletivos pelo Brasil. O Coletivo de Psicanálise na Praça aproveita essa visita para realizar uma supervisão, o que é oportuno diante dos sentimentos que estavam no ar. Diante da dificuldade de responder à questão acerca de qual seria a tarefa do Coletivo no território, feita por Jorge, chegou-se à conclusão de que se operava ali na praça uma repetição da lógica clínica dos consultórios particulares. Estávamos, sem ter muita consciência, nos isolando, mesmo diante de um conjunto de pessoas. O que faz pensar o quanto poderíamos estar vulneráveis e o quanto as mulheres, colegas de trabalho, estavam sendo acolhidas. Falou-se sobre a possibilidade de assédio, tanto nos atendimentos quanto no dia a dia do Coletivo. Faltava nos olharmos, nos ouvirmos, nos reconectarmos. É nesse dia que aponto que alguns dos membros trajavam uma roupa que, a

meu ver, não se adequava muito ao local. Não que seja preciso usar uniformes ou jalecos, mas existia uma diferença marcada pelas peças das roupas, o que deixa claro um lugar outro naquela praça.

A supervisão traria a possibilidade de repensar outros tipos de estratégias, como um pré-grupo e pós-grupo, com o intuito de pensar o trabalho e de ouvir o momento de cada um. De qualquer forma, o sentimento de insatisfação não deixou de estar presente. E não evitou que mais membros saíssem do Coletivo. Parecia que faltava algo, uma energia libidinal para realizar o trabalho, pelos menos essa era a minha visão. Inclusive, alguns membros relatavam que não queriam estar presentes no território. A ideia, então, era uma possível separação do Coletivo, entre o trabalho na praça e o trabalho que acontecia no MST, o que de fato aconteceu em pouco tempo. Em algum momento, aventou-se a ideia de pôr fim ao trabalho do Coletivo de Psicanálise na Praça. Um cenário, para alguns, de devastação e de insustentabilidade, que só poderia dizer de um fim. E, apesar de uma “dança das cadeiras”, o Coletivo não teve seu fim decretado, o que seria, provavelmente, mais fácil de lidar. É possível perceber que a pandemia teve muitos efeitos em relação ao retorno à Praça. Entre eles, os problemas de comunicação em relação às diferenças, entre os desejos de cada um, e o retorno avassalador a um espaço, que parece não mudar, mas está em constate mutação. Após um ano, encerro minha participação como pesquisador presente no Coletivo da Praça da Alfândega, no dia 1 de outubro de 2023.

Ao nos depararmos com as histórias e inquietações construídas por esses Coletivos, que possuem a proposta de realizar o trabalho com a psicanálise em espaços ditos públicos e, com isso, arriscando entrar em contradição com sua prática privada, um dos pontos que se evidenciam é a questão acerca do que consiste esse público, isto é, de qual sua relação com o privado e com a constituição do comum. A sentença *vita activa*, trazida por Hannah Arendt (2007) no livro *A condição humana*, nomeia três atividades humanas fundamentais: a primeira, o labor, que se compara à própria vida, as condições necessárias para a ordem biológica e que, portanto, são vitais. A segunda, o trabalho, que é o lugar onde o humano cria um mundo de forma artificial, diferente do ambiente natural; é a ferramenta de mediação em relação à natureza. E a terceira atividade seria a ação, que consiste em uma mediação política entre os humanos, a qual nos coloca como iguais, mesmo que cada um seja diferente; característica de pluralidade de nossa condição, que sustenta toda a vida política. As três atividades possuem relação íntima com todas as etapas da vida humana, do nascimento à morte. A sustentação da vida pelo labor não é apenas individual, mas também assegura a existência da espécie; o labor como um processo de construção biológica da vida humana. O trabalho, e o que resulta dele,

sustenta a materialidade que cede certa permanência à vida e, de certa forma, eleva a insignificância da vida mortal um passo além; o trabalho como uma construção artificial do humano na natureza. E a ação cria as condições para a memória escrevendo a história, pois, ao buscar criar e manter os corpos políticos, faz surgirem as condições necessária para isso. Para Arendt (2007), esses três registros possuem origens na natalidade, pois são esses fatores que preparam o mundo para os novos seres que constantemente chegam. Porém, é à ação que a natalidade está mais relacionada, pois esse novo ser carrega em si potencialidades, ou seja, a possibilidade do novo, do agir, que está em todas as atividades humanas, concluindo que o *locus* central do pensamento político está na natalidade em oposição a um pensamento metafísico.

Como seres que são subjetivados a partir de determinadas condições e considerando que tudo aquilo que o humano toca ou produz passa a ser condição de sua existência, as coisas feitas por mãos humanas passam a ser imprescindíveis a outros humanos, pois vão além das oferecidas pela natureza. Nesse sentido, a condição humana difere da natureza humana e é de quase impossível definição, pois muito provavelmente seremos condicionados em qualquer *habitat* em que formos desafiados a viver. A vida humana, em constante atividade, possui suas bases no mundo humano e nos objetos nele produzidos. Humanos e objetos fazem parte da construção desses lugares e não haveria qualquer sentido se não houvesse essa relação, assim como seria impossível existir vida humana sem o testemunho de outra vida humana. Nessa perspectiva, o surgimento das cidades-estados, na Grécia Clássica, traria uma segunda vida para o humano no espaço comum, o qual se compartilha com os outros. A esfera privada, constituída pela família, se mantinha unida pela possibilidade de sobrevivência; ela perde espaço com o avanço da cidade-estado sobre essa esfera; ela acaba sendo diminuída, mas não deixa de existir. Assim se dá a formação de uma sociedade onde, pela interdependência entre os seus, algumas práticas são admitidas na esfera pública, em prol da existência em comum.

Nesse sentido, o público, para Arendt (2007), em primeira instância, é tudo o que está exposto, o que pode ser escutado e visto por todos. A combinação desse compartilhamento com aquilo que nós mesmos percebemos constitui a realidade. Até as mais íntimas sensações necessitam de certa transformação para alcançar o público; nessa desindividualização, elas perdem algo essencial, como a dor, que talvez seja a mais privada e incomunicável. Em segunda instância, público tem como significado o próprio mundo, visto como uma manufatura humana, que põe humanos em relação entre si e com um arsenal de coisas, e que, portanto, difere da natureza. É nesse espaço público que é possível realizar as atividades humanas, como cita

Arendt (2007): “a esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros” (p. 62).

A existência de um espaço público deve ser efetivada não para os que vivem agora, mas para superar as nossas vidas; sem a imortalidade, que nos concedem as futuras gerações, nada disso seria possível. Nessa leitura, o comum é contrário à ideia cristã, onde existe um mundo além e a salvação da alma constituiria o interesse comum. Do ponto de vista de Hannah Arendt (2007), o comum é o que ultrapassa a existência, do nascimento até a morte, e que certamente duraria muito além, compartilhado com aqueles que já se foram e os que ainda estão por chegar; essas ligações entre as gerações só são possíveis se mediadas pela esfera pública. O gradual desaparecimento da esfera pública se dá pela perda da ideia de imortalidade, na medida em que as coisas vão perdendo sua duração (“obsolescência programada”). O comum não está em uma natureza comum a toda a humanidade, mas no interesse pelos objetos com diferentes posições e pensamentos. Quando não há interesse em negociar o usufruto desses objetos e nem é possível compartilhar uma natureza comum, ocorre a destruição da pluralidade humana, tornando as pessoas privadas, incapazes de ver e ouvir os outros. Destrói-se, assim, o mundo comum, no momento em que um único olhar prevalece. Ao superar, constantemente, as condições básicas de sobrevivência biológica, tendo a possibilidade de construção de um mundo que faz uso da natureza se diferenciado dela a partir do uso de ferramentas, que se tornam condicionantes para a sua vida, o humano pode superar a esfera familiar de sobrevivência, formando com outros uma sociedade em comum. O que cria as possibilidades de um campo de grande importância, no qual o agir pode fazer parte da vida, como forma política de perpetuação da espécie, que necessita de um palco comum, propiciado pela esfera pública, que está em constante disputa e que pode ser apropriado para fins individuais.

A noção de público aqui explicitada ajuda a pensar certa realidade de nossa vida comum. É preciso estar atento, pois as questões que envolvem colonialidade, classe, raça e gênero precisam estar inseridas nessa discussão. Elas colocam mais ingredientes a esse público e a essa disputa, que muitas vezes se dá em condições de força desiguais. Ao se apoiar em uma noção de *pólis* grega, como uma construção democrática da vida política, do espaço comum, não é possível deixar de lado que esse modelo de sociedade, fundada na coexistência de homens “livres”, excluía da possibilidade de serem cidadãos as mulheres, as crianças, os estrangeiros e as pessoas que foram escravizadas, ou seja, um modelo de sociedade livre, mas para poucos. O que pouco difere do que temos nos dias de hoje, a força de um sistema de acumulação desenfreada e desigual, que age na contramão do comum, servindo para o uso de membros de

uma alta sociedade que perpetuam por séculos seus sobrenomes e privilégios. Isso pode ser suficiente para que se possa questionar as democracias, mesmo que hoje elas enfrentem pelo mundo abalos com o recrudescimento de posições de extrema-direita, que tencionam as instituições de proteção. Essas democracias são, de fato, democráticas? Elas chegaram a todos os lugares, ou seja, nas periferias do mundo? E, no caso do Brasil, a democracia de fato chegou às ruas? Existe um espaço democrático capaz de construir um espaço comum para todas as pessoas?

Há um esforço de tornar comum a vida pública, que pode e deve conter as diferenças, sem que isso acarrete a reatualização de inúmeras violências, sendo palco ou arena de lutas políticas. O público pode ser capturado e servir para um uso privado de poderes. A questão é: os Coletivos – e, principalmente, por ser mais próximo, o Coletivo de Psicanálise na Praça da Alfândega de Porto Alegre – agem de que forma, a partir de uma certa posição política, e para quem, ao propor os atendimentos que realizam? De certa forma, as motivações individuais, sejam elas variadas, sem contornos, encontrarão o grupo, basta saber se a tensão desse encontro pode gerar também a possibilidade de se criar um comum, sabendo-se que, no caso da psicanálise, esse comum é atravessado por autores, instituições e posições políticas diversas. Assim, os Coletivos se mostram capazes, ou deveriam, de tencionar inúmeros posicionamentos, seja dos analistas, do espaço em uso e das pessoas que ali transitam, seja da própria psicanálise, que necessita ser constantemente movimentada para não morrer. Longe de pensar que os Coletivos tenham um papel de salvadores da psicanálise, mas a possibilidade de que outros públicos possam entrar em contato e, a partir disso, desenvolverem um trabalho a partir da psicanálise, demonstra essa possibilidade de vida. A importância desse modo de sobrevivência se dá, como podemos ver, pelo atual avanço de políticas desumanas, que agem sobre o acúmulo de lucros. Nesse sentido, a escuta pode ser uma ferramenta significativa de resistência. O que nos recoloca a questão: em que medida a psicanálise é capaz de superar sua origem de classe?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo impossível fazer uma escala de posições de classe, que cada pessoa ou instituição ocuparia – no nosso caso, a psicanálise –, é, portanto, impossível medir o quanto tal instituição pode ser burguesa ou não, assim como também ser colonial. Porém, parece impossível dizer que ela não tenha sido criada nesses moldes. De fato, a psicanálise possui um lugar inicial que

Freud pode nos apontar no discurso de Budapeste. É relevante pensar que, muito provavelmente, a psicanálise, pelo menos no Brasil, alcance lugares que, em outro momento, seria impossível. Sendo eles os hospitais, os postos de saúde, a rua e a praça. Mas o que ainda resta de uma preservação de classe que impede que a psicanálise seja alcançada por mais indivíduos? Algumas práticas são pelo menos uma tentativa de pisar fora desse lugar conhecido e marcado, que possui características próprias e que impede que pessoas de lugares distintos possam circular com liberdade. A necessidade dessa superação, pelo menos para quem aqui escreve, vem da possibilidade de mudanças que isso pode acarretar. Para novas pessoas que não podiam ter acesso a esse tipo de atendimento. Novas formas de formação em psicanálise, com pessoas de outras origens, pode dar uma vida maior à psicanálise. Afinal, ainda existem critérios de analisabilidade e de formação, que não são ditos, mas que são ainda praticados. O que dever ser vestido, consumindo e falado para estar ali? Seja como analista ou como analisando.

A possibilidade de pensar e repensar acaba sendo um questão em relação aos valores que circulam no dia a dia, que são formas relevantes de vivência nas cidades. O oferecimento de uma atuação que não envolva a troca direta de dinheiro, para todos aqueles que a procuram, pode significar pelo menos uma tentativa de uma luta anticapitalista. Porém, talvez um desafio seja pensar como essa luta pode superar o espaço de um Coletivo e seus membros, e como os psicanalistas podem levar à clínica de seu dia a dia uma luta anticapitalista. Levando em conta que essa luta não está apenas contra o consumo desenfreado. Lembramos então das clínicas públicas construídas por Freud e seus companheiros, onde com o poder público foi possível realizar atendimentos aos mais diversos públicos. A psicanálise precisa de trabalho para poder se repensar e continuar viva, e essa é uma questão: os psicanalistas conseguem se pensar como trabalhadores? Que tipo de consequência decorre do trabalho de escutar um trabalhador precarizado, se aquilo que deveria ser fonte de vida, de relações sociais, se torna o motivo de um adoecimento? Como esse trabalhador, o psicanalista, no encontro com esse outro trabalhador, consegue se comunicar? E como sofre o psicanalista com o seu trabalho? A questão é saber se isso é possível de ser escutado pelas instituições. O encontro clínico possui uma regra inicial, o convite a falar livremente; é assim que é possível escutar, isso faz parte do início da história da psicanálise.

A história da psicanálise no Brasil teve momentos constrangedores, sendo um dos mais importantes o período da ditadura militar de 1964: que efeitos isso traz para os dias de hoje em nossa formação e nossas instituições? Na data em que se completou 60 anos do golpe, o atual mandatário Lula Inácio da Silva, em um aceno de conciliação, proibiu que fossem realizados

eventos ou menções a esse dia, a fim de evitar que os militares se sintam constrangidos. Será que é isso que precisamos para assegurar uma democracia? Precisamos do silêncio para que não sermos ameaçado novamente? É difícil acreditar que isso possa funcionar.

O convite a uma prática pública, pensando que esse público se encontra em constante disputa, coloca em questão a forma como a cidade é usada, que direitos os cidadãos possuem sobre suas ruas e praças e como podem ocupá-las. E que possam fazê-lo em coletivo, estarmos juntos, construindo uma nova cidade, que vem sendo cada vez mais complexa diante das questões climáticas. Como é possível viver em um lugar com segregação, fome, dor e sofrimento? Que nenhuma cidade seja fria e silenciosa.

A partir dos efeitos da construção de um diário de ~~campo~~ praça, na inserção em um Coletivo de Psicanálise que realiza atendimentos no centro da cidade de Porto Alegre, produziu-se essa dissertação. Efeitos esses que passam pelo sujeito pesquisador e sua história, no encontro único e impossível de ser repetido com a história desse Coletivo. No interior desse coletivo pude ver quem entra, quem sai, suas regras, claras, outras nem tanto. O cuidado que se deve ter com as múltiplas formas de violências, as quais são repetidas sem haver percepção. Os atendimentos não são uma diversão, uma brincadeira, apenas para aparecer na mídia; existem coisas reais, dolorosas e viscerais. A atuação fora dos consultórios envolve um deslocamento subjetivo do profissional. Não é possível tirar o corpo fora, principalmente da possibilidade do encontro com desejos e devastações, no território do dia a dia.

A história do Coletivo de Psicanálise da Praça da Alfândega de Porto Alegre é marcada por um silenciamento, a morte de Marielle Franco, que ao menos a princípio está próxima ser resolvida, com um potencial de escancarar toda uma podridão, de corrupção, assassinatos e crimes de todos os tipos. Existem ainda muitas outras pessoas em constatare silenciamento e permanece a luta para que isso deixe de acontecer. A posição de ocupação de um espaço tem o intuito de que pelo menos seja possível ganhar terreno para que outros possam lutar com mais força. Em uma das aulas no curso de mestrado uma questão insiste: que corpos podem se experimentar livremente? A questão em relação a isso é que não são todos que têm possibilidade de assimilar o mundo, experimentá-lo, sem alguns impedimentos. Não são todos os corpos que são livres para circular. Seja nas cidades, nas instituições psicanalíticas e na academia. A razão para isso deve ser pensada e qualquer iniciativa para que isso mude é bem-vinda, porém ainda é insuficiente. Sempre será necessário mais, principalmente para aqueles que estão fora do jogo desde sempre.

Nesse momento, é preciso falar de Porto Alegre, da Praça da Alfandega, do Mercado Público. Lugares que fizeram parte dos meus dias durante um ano, enquanto estive inserido no trabalho do Coletivo. Lembranças das muitas pessoas, do barulho, das cores e cheiros, da violência, fome e pobreza, alegria e riqueza, que faziam contraste a um centro de uma cidade que, de tão brasileira, era acolhedora. Sempre me senti em casa ali. Nos dias de sol, nos dias cinza. Até que o horror tomou conta de todos os habitantes do estado do Rio Grande do Sul. No dia 29 de abril, iniciava uma série de eventos decorrentes de chuvas extremamente fortes. Cenas inacreditáveis se somavam a outras cada vez mais impossíveis de serem assimiladas. Até que, em 3 de maio, as águas invadiram Porto Alegre, tomando conta das ruas, de vários bairros e do centro, não só consequência das fortes chuvas, mas também de um macabro projeto de governo, seja estadual e da prefeitura. Os lugares de vida, como as ruas do comércio, o Mercado Público, a Praça da Alfândega, se encontravam inundados e silenciados. Depois de semanas, de aflição, de luta pela vida, as águas baixaram e revelaram a lama e a destruição resultante da força das águas. Imagens arrasadoras do lugar onde, pouco tempo antes, estavam as cadeiras abertas para a escuta. Um deserto de água que deixou lama e destruição, e silenciou pessoas.

É necessário chegar ao fim, sem que se tenha esgotado qualquer dos assuntos aqui tratados, pois cada Coletivo se atualiza e se modifica constantemente. Como a cidade e tudo nela, eles – os coletivos – também estão em disputa, seja nos territórios, seja nas relações de trabalho que propiciam. Ainda é impossível não mencionar o espaço possível de pesquisar na Universidade Pública que precisa ser defendida, espaço de criação e experimentação que precisa ser tensionado, para que também possa ter uma longa vida. No mais, que possamos seguir, por algum traço que nos une.

REFERÊNCIAS

- Ab'Sáber, T., Zaiden, A. (2019). Clínica aberta de psicanálise: política imanente da clínica. In E. E. Broide, I. Katz, (Orgs.), *Psicanálise nos Espaços Públicos*. (pp. 108-117). IP/USP.
- Alves, A. M. (2019). *As cidades na cidade: algumas reflexões sobre a escuta psicanalítica em espaço público, a partir da experiência do Coletivo Escuta na Rua*. [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade Federal do Rio Grande]. Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande.

- Andrés, R. (2022). *A razão dos centavos: Crise urbana, vida democrática de 2013*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP.
- Arendt, H. (2007). *A condição Humana* (10a ed). Forense Universitária.
- Arns, P. E. (1986). *Brasil: nunca mais*. Vozes.
- Barros, R. B., Passos, E. (2009). Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In E. Passos, V. Kastrup, L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. (pp. 172-200). Sulina.
- Bastos, P. P. Z. (2017). Ascensão e crise do governo Dilma Rousseff e o golpe de 2016: poder estrutural, contradição e ideologia. *Revista Contemporânea*. 1-63.
- Broide, J. (2019). A clínica psicanalítica na cidade. In E. E. Broide, I. Katz, (Orgs.), *Psicanálise nos Espaços Públicos*. (pp. 48-65). IP/USP.
- Broide, J. (2022). A Escuta nas ruas. In E. Broide, (Org.), *A Psicanálise na cidade*. (pp. 133-151). Escuta.
- Cardoso, A. C. M. (2010). Os trabalhadores e suas vivências cotidianas: dos tempos de trabalho e de não-trabalho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25(72), 101-116.
- Chassot, C. S. (2018). A pesquisa-intervenção participativa como estratégia metodológica: relato de uma pesquisa em associação. *Psicologia & Sociedade*, 01-12.
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de psicanálise* (F. Settineri Trad.). Artes Médicas Sul.
- Clínica Aberta de Psicanálise. (2023, 07 de dezembro). *Zine Clínicas de Borda 22 - Clínica Aberta de Psicanálise*. Editora n-1. https://issuu.com/n-1publications/docs/cl_nica_aberta_de_psican_lise
- Clínica Aberta de Psicanálise de Santos. (2023, 07 de dezembro). *Qual cidade queremos escutar?*, *Zine Clínicas de Borda 03 - Clínica Aberta de Santos*. Editora n-1. https://issuu.com/n-1publications/docs/clinica_aberta_santos_final.
- Coimbra, C. M. B. (1995). *Guardiões da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre"*. Oficina do Autor.
- Coletivo Psicanálise na Praça Roosevelt. (2023, 07 de dezembro). *Zine Clínicas de Borda 19 - Psicanálise na Praça Roosevelt*. Editora n-1. https://issuu.com/n-1publications/docs/psican_lise_na_pra_a_roosevelt?fbclid=IwAR0YZdeL6ghXBh3qtHy3KL2McTa2dxTrnGu1wZhA-M2rqtelWCdT7osagqs.
- Coletivo Psicanálise na Praça. (2019) Entrevista com o Coletivo Psicanálise na Praça. *SIG Revista de Psicanálise*, 08(15), 121-128.
- Danto, E. A. (2019). *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social (1918-1938)* (M. Goldstajn Trad.). Editora Perspectiva.

- David, L. R., Medeiros, R. H. A. (2022). Da rua ao ciberespaço: Psicanálise e ampliações da escuta. In J. Stona (Org.), *Relações de gênero e escutas clínicas*. (pp. 41-53). Afirmativa.
- Dumans, J., Uchoa, A. (Diretores). (2017). *Arábia* [Filme]. Katásia Filmes.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. Boitempo.
- Dunker, C, Paulon, C, Sanches, D, Lana, H, Lima, R. A, Bazzo, R. (2022). Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira. In V. Safatle, N. S. Junior, C. Dunker, (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. (pp. 207-287). Autêntica.
- Fiore, R. H. (2006). O ecletismo e a praça da alfândega: representação e significado. PROPAR-UFRGS.
- Franco, T., Druck, G., Silva, E. S. (2010). *As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado*. Saúde Ocupa.
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico (1914). In *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916) (XIV)* (J. Salomão Trad.). (pp. 02-44). Imago.
- Freud, S. (1996). Caminhos da terapia psicanalítica (1919). In *História de uma neurose infantil ("o homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (XVII)* (J. Salomão Trad.). (pp. 241-254). Imago.
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In *O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913) (XII)* (J. Salomão Trad.). (pp. 68-75). Imago.
- Freud, S. (1996). Sobre a psicoterapia (1905). In *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905) (VII)* (J. Salomão Trad.). (pp. 241-254). Imago.
- Freud, S. (1996). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913). In *O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913) (XII)* (J. Salomão Trad.). (pp. 76-92). Imago.
- Füchtner, H. (2011). Uma carreira de psicanalista atípica e contra as normas: o caso Katrin Kemper. *Psychanalyse.lu*, 01-33.
- Gay, P. (1989). *A experiência burguesa da rainha vitória a Freud: educação dos sentidos*. Companhia das Letras.
- Guimarães, D. (2018, 07 de março). A clínica pública e produção de espaço psíquico. *Outras Palavras*. <https://outraspalavras.net/cidadesemtranse/clinica-publica-producao-do-espaco-psiquico/>

- Guimarães, D. (2019, 10 de janeiro). Pulou a catraca e foi ao psicanalista. *Outras Palavras*. <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/pulou-a-catraca-e-foi-ao-psicanalista/>
- Guimarães, D. (2020, 24 de junho). Convite à prática pública de psicanálise. *Outras Palavras*. <https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/convite-a-pratica-publica-de-psicanalise/>
- Guimarães, T., Jardim, R. M. M. (2019). Apontamentos sobre o horizonte crítico do Psicanálise na Rua. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 315–339.
- Harvey, D. (2012). *A liberdade da cidade. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. Boitempo.
- Hobsbawm, E. J. (1988). *A era dos impérios 1875-1914*. Paz e Terra.
- Jacobsen, M. B. (2011). *Os pacientes de Freud: destinos*. Edições texto-grafia.
- Lefebvre, H. (2001). *O direito à cidade*. Centauro.
- Macedo, M. M. K., Falcão, C. N. B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, 15, 65-76.
- Marino, A. S., Coaracy Neto, A. R. (2019). Psicanálise na Praça Roosevelt: uma experiência clínico-política em um espaço público. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12(15),352-367.
- Mattl, S. (2013). *O caso da Viena Vermelha*. Lua Nova.
- Navarro, V. L., Padilha, V. (2007). Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 19, 14-20.
- Nicaretta, M. (2011). A emergência da nova psicoterapia na Era de Ouro Estadunidense: o resumo de uma história. *Academia Paulista de Psicologia*, 31(81), 358-377.
- Oliveira, C. L. M. V. (2017). Sob o discurso da ‘neutralidade’: as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. *Hist. ciênc. saúde-Manguinhos*, 24(supl.1), 79-90.
- Oliveira, F. M. G., Silva Neto, M. L. (2020). Do direito à cidade ao direito dos lugares. *Urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 12, 1-13.
- Pellegrino, H. (1983, setembro). Pacto edípico e pacto social (da gramática do desejo à sem-vergonhice brasílica). *Folhetim - Suplemento da Folha de São Paulo*.
- Pinto, T. (2019). Os pés descalços. Um relato sobre a experiência Psicanálise na Rua. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 12, 368-385.
- Roazen, Paul. (1978). *Freud e seus discípulos*. Editora Cultrix.
- Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo*. Zahar.
- Safatle, V., Junior, N. S., Dunker, C. (Orgs.). (2022). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Autêntica.

- Santos, M. (1988). O retorno do território. In M. Santos, M. A. A. Souza, M. L. Silveira, (Orgs.), *Território: globalização e fragmentação*. (pp.15- 20). Hucitec,
- Schultz, K. (2007). Perfeita civilização a transferência da corte, a escravidão e o desejo de metropolizar uma capital colonial. Rio de Janeiro, 1808-1821*, *Dossiê, Tempo*, 12(24), 5-27.
- Singer, A. (2013). Brasil, Junho de 2013, classe e ideologias cruzadas. *Dossiê: Mobilizações, Protestos e Revoluções, Novos estud. CEBRAP*, 97, 22-40.
- Tittoni, J., Tietboehl, L. K. (2017). Política na rua: Subjetivação, Resistência e ocupação dos espaços públicos. *Psicologia e sociedade*. 1-13.
- Tupinambá, G. (2014). A psicanálise é um trabalho? Uma profissão impossível e o conceito marxista de trabalho. *Tempo psicanalítico*, 46(1), 27-43.
- Vianna, H. B. (1994). *Não conte a ninguém...: contribuição ao histórico das sociedades psicanalíticas do Rio de Janeiro*. Imago.

ANEXO I

PROCESSO ÉTICO PROFISSIONAL TRE- 134/87

Termo de depoimento que presta o RÔMULO NORONHA DE ALBUQUERQUE na forma abaixo:

Aos vinte e sete dias do mês de julho de mil novecentos e oitenta e sete, na Sede do Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, na Pça. Mahatma Gandhi, 02/1222 perante o conselheiro Antônio de Oliveira alborque da comissão de Instrução do processo ético Profissional TER-134/87, compareceu o Dr. Rômulo Noronha de Albuquerque convidado a prestar esclarecimentos.

Perguntado qual o nome por extenso, naturalidade. Filiação, residência e profissão, respondeu-se Rômulo Noronha de Albuquerque.

Perguntado como conheceu o Dr Amílcar Lobo respondeu que foi preso em março de 1970 e levado ao quartel de PE onde funcionava o DOI-CODI; que após uns 10 dias de ser submetido a processo de tortura, estando em uma cela coletiva com outros companheiros, um oficial de dia entrou na cela acompanhado do então Aspirante Lobo; que está identificação foi possível porque o dito médico tinha sobre a bolso da gôndola uma tarjeta com o nome e o posto: “Asp. Lobo, que nessa época essa identificação era possível porque os militares estavam iniciando as suas atividades nesse ramo e não tinham recebido ordens para que ocultassem os seus nomes, embora já existissem outros torturadores que usassem codinomes, sempre precedidos do título de “Dr.”; nessa época todos os militares que eram designados para trabalhar no DOI-CODI eram intitulados de “DR.”, quer fossem cabos ou médicos; que o DR. Lobo ao entrar na cela, não se preocupava e saber do estado de saúde dos presos políticos, muito embora a maioria deles ou praticamente todos estivessem arrebatados pela tortura, com visíveis sinais de

espancamento, inclusive um seus colega de cela, que na época era estudante de Medicina e que pelas torturas sofridas no pau-de-arara estava com região tibial anterior inteiramente ferida e purulenta. Declara o depoente que o Dr. Amílcar Lobo se fazia presente nas sessões de tortura e que quando os presos começavam a passar mal em razão das torturas sofridas, ele examinava-os e declarava “Ele está fingindo, pode continuar”. Que este era o papel específico de Dr. Amílcar Lobo no processo de tortura, ou seja, dizer das condições físicas de preso para que o mesmo não viesse a sofrer um processo mais grave e estivesse sempre em condições de ser interrogado já que o objetivo principal naquele momento não era o extermínio do prisioneiro e sim mantê-lo sob tortura para obter cada vez mais informações.

Perguntado se havia outros médico que tomavam parte juntamente com Dr. Lobo no exame dos torturados, respondeu que era ele e o Dr. Fayad, sendo este oficial médico do Exército, no serviço ativo, enquanto o Dr. Lobo era um convocado. Que em 1972 retornou ao DOI-CODI para ser interrogado e que novamente encontrou o Dr. Amílcar lobo. E nessa época os processos de tortura já haviam evoluído, além das torturas físicas tradicionais, e a sua própria esposa, que esteve presa por alguns dias, foi levada ao que eles chamavam de geladeira, que era um cômodo estanque, onde era alternado o frio intenso ou calor excessivo, com ruído de todos os tipos, enfim um tipo de tortura mental, mais grave até do que a tortura física, era elemento de alta valia no acompanhamento deste processo de tortura.

Declara o depoente que foi o primeiro dos presos políticos no país a denunciar publicamente o Dr. Lobo, o que fez num simpósio havido na PUC em 1980, no qual, com a presença de dezenas de médico, no processo de tortura e citou nominalmente o Dr. Amílcar lobo, o que motivou o processo aberto sobre o assunto pela Sociedade Psicalítica do Rio de janeiro.

Declara o depoente finalmente que o fato determinante da sua atitude naquela oportunidade, denunciado médico Amílcar Lobo, foi exatamente para que não se repetisse no futuro episódios dessa natureza, em que em vez de tratar de salvar a vida humana e evitar o sofrimento do próximo, caminha para o outro extremo, ou seja, preparar um preso, pô-lo em condições físicas de ser torturados. E após este fato, e após esta tortura, medica-lo para que possa ser submetido a nova tortura. Declara que a sua presença neste CREMERJ tem como objetivo a esperança de que fatos desta natureza não se reproduzam nunca mais. Nada mais havendo nada tratar, foi dado por encerrado o presente depoimento. Rio de janeiro, 27de Julho de 1987.